

PALESTRAS

AMÉLIA DE OLIVEIRA, A PAIXÃO DE BILAC

(14.04.1868 – 05.03.1945)

Palestra proferida em 14.05.09
pelo Acadêmico João Roberto Gullino

Amélia de Oliveira, irmã do poeta Alberto de Oliveira que, em sua memória, assim se expressou o escritor pernambucano Múcio Leão (1898 / 1969) "... era uma senhora, cuja suave recordação devemos preservar. Era tímida e retraída, era por demais modesta e se ainda estivéssemos na época das imagens românticas, a compararíamos, talvez, com a recatada violeta... Possuía, entretanto, apreciáveis dons de poetisa. E se tivesse gostado de publicidade, seu nome estaria agora, provavelmente, citado entre os das nossas melhores escritoras e seus sonetos figurariam em antologias."

Em outubro de 1953, Adélia Mariano de Oliveira Miranda, irmã mais nova de Amélia, enviou a seguinte carta ao poeta e historiador capixaba Elmo Elton (1925 / 1988):

"Você, mais do que ninguém, conhece a história sentimental de minha irmã Amélia de Oliveira. Você guardou dela os retratos, os versos da adolescência, as lembranças literárias, porque você, alma religiosa de artista, ainda conserva, acima de tudo, o amor pelas cousas boas do coração e do espírito. Portanto, era justo que lhe entregasse, para serem publicadas, as cartas de Bilac. Elas documentam uma infeliz história de amor. Uma história de sonhos e de mágoas. Amélia, durante toda sua longa existência, fez segredo dessas cartas, embora pudesse ter feito uso delas quando, por tantas vezes, viu deturpada, pela pena de escritores apressados, a verdadeira história de Bilac.

Agora, porém, faz-se mister a publicação dessa correspondência. E ninguém mais do que você, de acordo com o meu pensamento e de meus irmãos vivos, merece o privilégio de trazer à luz este documentário precioso."

Assim, é o poeta Elmo Elton, seu único biógrafo, que nos relata a modesta trajetória de Amélia, sempre discreta. Porém, falar de Amélia é falar de Bilac — são duas vidas que não podem ser desassociadas. Ela viveu, como era costume de então, submissa à vontade alheia, sem direito de tomar decisões. Roubaram-lhe a vida, o amor, a felicidade e lhe impuseram a saudade, a tristeza e a resignação, mas não conseguiram tirar-lhe a nobreza e a postura de comportamento pois, segundo seus amigos — era uma perfeita dama.

Amélia de Oliveira, nasceu em Palmital de Saquarema, no Estado do Rio de Janeiro, em 14 de abril de 1868 e faleceu em 5 de março de 1945. Com seus irmãos Alberto e Bernardo, compunha uma família de poetas, além de vários outros irmãos, todos participantes dos círculos literários em sua casa.

Em 1883, Bilac então aos 18 anos, conheceu Amélia na casa de seu amigo, Alberto de Oliveira. Ela viria a ser o grande amor de sua vida e a inspiradora de alguns de seus mais belos sonetos. No mesmo ano, aos 15 anos, Amélia já escrevia belos versos e possuía apreciável cultura. A família Oliveira residia, então, numa apazível chácara em Niterói — a Engenhoca. Nos fins de semana, a casa se enchia de amigos dos rapazes e transformava-se numa Arcádia doméstica, frequentada pelos mais brilhantes e promissores poetas daquela época — Paula Ney, Rodrigo Otávio, Filinto de Almeida, Miguel Couto, Guimarães Passos, Raymundo Correia, Valentim Magalhães, José do Patrocínio, Raul Pompéia e os irmãos Aluizio e Arthur Azevedo, entre outros. Nesses memoráveis serões, tanto os autores, como as moças da família e amigas, recitavam poesias e disputavam, entre si, a glória de saber, de cor, o maior número de poemas. Consta que Amélia tinha excelente memória e orgulhava-se de recitar mais de 400 sonetos dos mais diversos autores. E já escrevia seus poemas.

AQUELE DIA

Como esse dia foi ridente e lindo!
Como do sol os grandes resplendores
inda recordo e vejo! — O espaço infinito
todo azul, borboletas multicores,

duas a duas, céleres, abrindo
as asas entre lúcidos vapores,
sentindo em tudo nova luz, sentindo
novo mundo ideal, novos amores...

Depois a tarde a desmaiar, deixando
no horizonte seus raios diamantinos,
uma tristeza mística espalhando...

Depois, a imensa noite que descia,
abrindo em seu seio os ais divinos,
ais derradeiros do final do dia!

E é nessa chácara, na Engenhoca, que Bilac usufrui de um convívio tão grande que lá fica dias seguidos e que, cada vez mais, sente afeição pela jovem Amélia. E a amizade se solidifica, vivendo ambos num constante ofertório de versos. Ambos têm os mesmos sonhos. Ambos têm as mesmas aspirações. E ela, mais tarde, inspira-lhe os sonetos de “Via Láctea.”

O poeta Afonso de Carvalho, em seu livro sobre Bilac observa: “No meio de tanta poesia, o amor florescia naturalmente como a rosa num jardim e era inevitável que, do convívio quase diário daquelas duas mocidades, ambas tangidas de sentimento poético, surgisse um grande amor.”

Após quatro anos de namoro, durante os quais foram escritos os trinta e cinco sonetos que compõem a “Via Láctea,” todos copiados a mão por Amélia para serem entregues ao editor, Bilac pediu a moça em casamento, obtendo pronto consentimento de sua mãe, Da. Ana e, posteriormente, confirmada por carta por seu progenitor, José Mariano de Oliveira, que se encontrava hospitalizado e que muito o admirava.

Infelizmente, o pai de Amélia veio a falecer vinte e oito dias depois, assumindo a direção da família, o filho mais velho, José Mariano, conhecido como Juca — austero, misantropo, inimigo de poetas e de jornalistas.

Sabendo que Bilac, de São Paulo, onde cursava a Faculdade de Direito (após abandonar a Medicina no Rio de Janeiro), escrevia a Amélia com grande assiduidade e que estava mesmo disposto a lhe desposar a irmã, Juca fez sentir à sua mãe o seu descontentamento, cada vez maior, pela continuidade daquele romance. Sabia que Bilac era muito bom rapaz, amigo de toda a família, dono de invejável talento — mas achava-o boêmio. Da. Ana, influenciada pelo filho, começa também a não ver com simpatia tal noivado. A Engenhoca perde, então, aquela serenidade antiga. Todos os dias armam-se discussões em casa, pois alguns dos irmãos — Alberto, Bernardo e Joaquim — acham que tudo aquilo não passava de um exagero da mãe e do irmão Juca.

Bilac, em março de 1888, isto é, com quatro meses incompletos de namoro, já não consegue mais viver em São Paulo, longe da Engenhoca. Deixa a Faculdade, deixa para sempre o seu curso de Direito. Não precisaria de diploma de bacharel para ser feliz, para vencer na vida! Precisaria, sim, de Amélia, de seu carinho, de sua companhia, de seu amor! Retorna então, à Corte — mas retorna vitorioso, aplaudido pela imprensa de todo o país, sobraçando o volume de suas poesias, com “Panóplias”, “Via Láctea” e “Sarça de Fogo” — versos, em sua maioria, inspirados por Amélia, sua musa, sua noiva adorada!

Na Engenhoca, é recebido friamente pela família de Amélia. Da. Ana, de quem ele tanto gostava, é a primeira a dizer-lhe que o Juca estava mesmo decidido a não consentir no casamento da irmã. Alguns dos rapazes também se mostram constrangidos diante daquele retorno de Bilac, ainda tão cedo, de São Paulo. E os estudos da Faculdade?

Bilac, já consagrado, tão admirado por todos os seus amigos e patrícios, sente-se humilhado. Por que, afinal, toda aquela guerra contra ele, se era tão grande o seu amor por Amélia. Bilac resolve, então, escrever ao Juca, que se encontrava ausente da Engenhoca, em Nova Friburgo. E lhe escreve uma carta humilde, uma carta cheia de confissões. Uma carta como a poucos teria escrito. Pede ao irmão de Amélia a palavra final sobre a autorização de seu casamento. E a resposta chega imediata. Juca, intransigente, em termos rudes, manifesta, mais uma vez, categoricamente, a sua opinião contrária sobre aquele noivado. Não consente mais a presença de Bilac na Engenhoca.

Mas o amor do poeta era imenso. Sua paixão não lhe abrasava a alma. Não era possível esquecer Amélia. E embora estivesse proibido por Juca de frequentar a casa, insistia em fazer visitas à Amélia, tratando a todos com carinho, com respeito e humildade, mas Da. Ana dirige-lhe palavras pouco amáveis.

Em fins de 1888, a família Mariano de Oliveira deixa a Engenhoca e muda-se para uma casa em Niterói e Bilac, fiel à noiva, vai visitá-la. Mas desde o rompimento do noivado, Juca não estivera ainda com Bilac e na mudança, vem para conhecer a nova casa e ver a família — e, naquele mesmo domingo, justamente no mesmo dia que Bilac também lá iria.

E é dolorosa a sua surpresa quando, ao invés de ser recebido por sua amada, depara-se ao portão da casa, com Juca que, não respondendo ao seu cumprimento amável, trava com ele séria discussão. Não permite mais tais visitas e os outros irmãos não lhe aparecem. Juca lhe dirige palavras amargas, que lhe calariam, para o resto da vida, na alma torturada.

Mas sua tragédia não terminaria ali. Seus restos de esperanças se extinguem para sempre, quando Bernardo, dias depois, por ordem de Da. Ana, vai ao seu encontro, numa missão dolorosa, para reaver todas as cartas e retratos de Amélia. Logo seu amigo Bernardo. Apesar desse constrangimento e consequente afastamento do amigo Bernardo, Bilac conseguiu preservar a amizade de sempre de Alberto de Oliveira. E, após muitos anos, Bernardo já octogenário, não conseguia lembrar tal cena sem que seus olhos ficassem marejados. Mas a correspondência de Bilac foi preservada por Amélia, enquanto as cartas de Amélia para Bilac, devolvidas, foram todas destruídas por sua mãe.

Passaram-se os dias, passaram-se os meses. E os anos se passaram, sem que Amélia viesse a rever seu amado. Andava só e triste. Em tudo lembrava seu poeta:

NOITE

Quando a hora final da Ave Maria
deixa o eco voar espaço em fora;
nesse momento em que a melancolia
mais na terra se estende e se demora;

quando a sombra da noite que apavora
encobre o sol, escurecendo o dia;
quando não temos mais da última aurora
a doce luz, embora fugidia;

quando as trevas mais negras vão crescendo
e cobrem toda a natureza; quando
repousa e dorme tudo em paz – gemidos

ouve-se, o espaço inteiro percorrendo...
é que, tristes, no mundo, soluçando,
vagueiam muitos corações perdidos...

Bilac, também, sem falar com Amélia, sofre amargurado a sua desdita. Os versos que escreve são versos plenos de solidão e tormento. E sentindo a grande ausência da mulher que tanto amou, vendo arruinado para sempre o seu castelo de felicidade, desesperado, contra a própria noiva, exclama:

Maldita seja pelo ideal perdido!
Pelo mal que me fizeste sem querer!
Pelo amor que morreu sem ter nascido!

Pelas horas vividas sem prazer!
Pela tristeza do que eu tenho sido!
Pelo esplendor que eu deixei de ser!

Amélia, por sua vez, perdida a esperança de se unir à Bilac, com o pseudônimo de Emília da Paz, publica, então, este doloroso soneto – PRECE – escrito quatro anos após a separação, talvez, o mais belo e mais doloroso de todos que ela deixou:

Não te peço a ventura desejada,
nem os sonhos que outrora tu me deste,
nem a santa alegria que puseste
nessa doce esperança já passada.

O futuro de amor que prometeste,
não te peço ! Minh' alma angustiada
já te não pede, do impossível, nada,
já te não lembra aquilo que esqueceste!

Nesta mágoa sofrida ocultamente,
nesta saudade atroz que me deixaste,
neste pranto que choro ainda por ti.

Nada te peço! Nada! Tão somente
peço-te, agora, a paz que me roubaste,
peço-te, agora, a vida que perdi!

E Bilac, quando tomou conhecimento desse soneto por intermédio de sua irmã Cora, ficou muito sensibilizado e escreveu, com o mesmo título, outro soneto – PRECE, dando sua resposta com humildade, arrependimento, remorso e desespero, em que lhe pede perdão:

Durma, de tuas mãos nas palmas sacrossantas,
o meu remorso. Velho e pobre, como Jó,
perdendo-te, a melhor de tantas posses, tantas,
malsinado de Deus, perdi... Tu foste a só!

Ao céu, por teu perdão, a minha alma, que encantas,
suba, como por uma escada de Jacó!
Perdi-te... E eras a graça, alta entre as altas santas,
a sombra, a força, o aroma, a luz... Tu foste a só!

Tu foste a só!... Não valho a poeira que levantas
quando passas. Não valho a esmola do teu dó!
Mas deixa-me chorar, beijando as tuas plantas,

mas deixa-me clamar, humilhado no pó :
Tu, que em misericórdia as Madonas suplantas,
acolhe a contrição do mau... Tu foste a só!

Bilac, de 1888 a 1910, não vira mais Amélia. A noiva, discreta, evitava encontrar-se com o poeta, embora, de longe, lhe seguisse os passos, feliz com os triunfos daquele a quem tanto amava.

Depois do rompimento do noivado e de um período de prostração e abatimento, Amélia dedicou-se inteiramente aos familiares e ao trabalho, lecionando em diversas escolas. Passava temporadas em casas dos irmãos onde era muito querida pelas cunhadas e pelos sobrinhos. Por fim, fixou-se na residência de Alberto, a quem servia de secretária e que muito prezava suas opiniões literárias, consultando-a com frequência. Em grossos álbuns, mantinha recortes de jornais de tudo o que se referia ao ex-



noivo e colecionava cartões dele, enviados a Alberto, quando de suas muitas viagens à Europa. Era o mais puro romantismo.

Além de permanecerem solteiros, Olavo e Amélia demonstraram seu carinho mútuo, através dos anos, graças à cumplicidade da irmã dele, Cora, em cuja casa o poeta residia. Essa senhora, que se tornara grande amiga de Amélia, visitava-a com frequência, enviava-lhe cartas, flores e versos de Bilac. Por sua vez, Amélia, semanalmente, mandava, para a amiga, rosas vermelhas, as preferidas do poeta, que eram logo colocadas sobre a sua mesa de trabalho. Quando se fazia fotografar, Bilac dava à sua irmã dois retratos, um com dedicatória e outro para ser entregue a Amélia. Num lamento, escreve

À MINHA IRMÃ

Escuta — os gozos meus, toda ventura,
todos os sonhos e ilusão, querida,
tudo deixou-me, tudo! Nesta vida
nada me resta mais que a noite escura.

A que sorte cruel, amarga e dura,
Deus condenou-me! Esta alma dolorida
já sem força, ai de mim! Vejo rendida
à tristeza, ao pesar, à desventura!

O que hei feito, não sei; em vão banhado
tenho meu rosto deste pranto triste,
tenho mágoa sem conta em vão sorvido!

Não sei porque, escuta, escuta o meu passado,
é todo aquele que, a chorar, me ouviste,
e que eu senti passar sem ter vivido!

Mas os anos foram passando e Bilac e Amélia poucas oportunidades tiveram para se rever. Fernando Jorge em sua obra “Vida e Poesia de Bilac” relata o fato: “Amélia de Oliveira, diversas vezes, procurou Gregório da Fonseca (amigo de Bilac, oficial do Exército), para ver se este conseguia aproximá-la de Olavo. Ela afiançava que não havia nenhuma pretensão amorosa. Os dois estavam envelhecidos e nada mais natural, portanto, que se vissem como simples amigos da mocidade. Apesar de tudo, Bilac sempre se opôs. Mostrava-se recalcitrante. E dizia a Gregório: — Que diabo de graça tem agora nós nos encontrarmos? Que diabo vamos dizer um ao outro? Estou velho, neste estado; ela é hoje uma verdadeira matrona. Eu morreria de ridículo.”

ABANDONO - (Recordando a Engenhoca)

Talvez já tudo tenhas esquecido :
aquela casa e as árvores frondosas
da entrada do caminho as brancas rosas
e o coqueiral, altivamente erguido.

O bando de aves tímidas, saudosas,
a deferir o seu canto enternecido,
e aquele céu azul, indefinido,
cheio de sóis, de estrelas luminosas.

Quanta mudança encontrarás se um dia
ali fores!... Tristonhos, tumulares,
o arvoredor, o rosal... O espaço mudo.

E só, errante a soluçar, sombria,
a saudade acharás se ali voltares.
Mas... talvez tenhas esquecido tudo!

O primeiro encontro dos dois, desde o afastamento da Engenhoca, deu-se na casa de Hemetério dos Santos, em 1910, que aniversariava. Alberto de Oliveira e a irmã foram lhe levar os cumprimentos e chegando a casa do negro professor do Colégio Militar, lá encontram Bilac, que, em companhia de outros escritores, homenageava o filólogo ilustre. O poeta corre a abraçar Alberto e deparando-se, surpreso, com Amélia, lhe estende a mão comovidamente, sem, no entanto, lhe dizer uma palavra sequer. Amélia corresponde, igualmente, comovida, o gesto de Bilac.

Dias depois, o poeta publicava, celebrando o casual encontro com sua amada, o seu soneto

MILAGRE

Depois de tantos anos, frente a frente,
um encontro... O fantasma do meu sonho!
E, de cabelos brancos, mudamente,
quedamos frios, num olhar tristonho.

Velhos! . . . Mas, quando, ansioso, de repente,
nas suas mãos as minhas palmas ponho,
ressurge a nossa primavera ardente,
na terra em bênçãos, sob um sol risonho.

— Felizes, num prestígio, estremecemos;
deliramos, na luz que nos invade
nos redivivos êxtases supremos;

e fugimos, volvendo à mocidade,
aureolados dos beijos que tivemos
no milagre divino da saudade.”

Amélia frequentava muito as sessões públicas da Academia Brasileira de Letras, sempre acompanhada por Alberto de Oliveira, com quem residia. Era, na ilustre Casa de

Machado de Assis, pela sua inteligência e fidalguia, respeitadíssima por todos. Uma de suas amigas, a sra. Orminda Leitão, dá-nos, a esse respeito, pelas colunas do Jornal do Brasil, o seguinte depoimento: “Não faltava Da. Amélia Mariano de Oliveira às sessões da Academia Brasileira de Letras e muitas vezes lá fui, levada por sua mão, podendo então, aquilatar do conceito que merecia de todos os “imortais”, que a distinguiam com excepcionais homenagens. Sua atitude serena, seu modo diplomático de ser, que muitos, talvez, julgassem apenas o resultado de uma educação finíssima, que de fato possuía, refletiam antes de mais nada, sua bondade incomensurável, que aceitava tudo e de todos com benevolência, e, graças à qual, mesmo quando Da. Amélia era atingida pelas arestas que a vida reserva a todos nós, não se perturbava a sua linha elegante de grande dama que foi. Sim, uma grande dama, de virtudes intangíveis que soube, com sua vida digna, honrar sua família e a mulher brasileira.”

Apesar de todas as glórias que obteve em vida, Bilac não foi feliz e já, aos quarenta anos, tinha a saúde fortemente abalada pelo excesso de bebida que o levou à morte prematura aos cinquenta e três anos.

Quando Bilac sentiu que estava para morrer, pediu à irmã Cora que trouxesse a mulher amada à sua presença. Queria dizer-lhe uma coisa importante. Amélia, tomada de forte emoção, não teve coragem de ir a seu quarto, de satisfazer o desejo do poeta, mas ficou como enfermeira invisível, preparando-lhe a comida, por muitos dias seguidos, observando o horário dos remédios, muitos deles por ela mesmo preparados.

Via-o, discretamente, pela escura vidraça do quarto. Rezava por sua melhora. E à hora em que Bilac cerra, para sempre, seus olhos deslumbrados, à cabeceira do leito mortuário, dá-lhe Amélia o seu adeus entrecortado de soluços.

Augusto Maurício, pelas colunas do Jornal do Brasil, comentando sobre o funeral de Bilac mencionou que, entre as coroas, havia uma grande, que quase tocava o teto, toda de saudades, com uma fita branca, pendente, num artístico laço, feito, sem dúvidas, por mãos femininas. Nenhuma inscrição continha, mas todos, sem exceção, sabiam de sua origem, pela última homenagem de carinho e saudade. E um dos presente comentou – “Esta coroa é a que mais fala, pelo seu silêncio.”

Participou de todas as homenagens que foram prestadas a sua memória. Antes da cerimônia de inauguração de sua herma no Passeio Público, cobriu de rosas brancas a base do pedestal e, todos os domingos, levava rosas vermelhas a seu túmulo no Cemitério de São João Batista. Morreu aos setenta e sete anos, vinte e seis anos após a morte do poeta, respeitada e admirada não só por parentes

e amigos, como pelos intelectuais que a consideravam a viúva de Olavo Bilac. Foi a força deste amor que deu a poesia de Bilac o sopro da eternidade.

Gregório da Fonseca foi, dos amigos de Amélia, o mais devotado, sem dúvida. Gregório era pessoa queridíssima de Bilac. Dizem mesmo que o poeta sempre que a ele se referia chamava-o de meu irmão Gregório.

Foi talvez, por ter sido o maior amigo do autor de “Tarde”, que Gregório entrou para a Academia... Quando Bilac morreu, o ilustre militar não se demorou à procura Amélia, em sua casa. Tinha algo a cumprir. Bilac lhe pedira, dias antes de sua morte, que arranjasse uma colocação para Amélia. O ex-noivo sabia que a família Oliveira não possuía grandes recursos e era preciso que Amélia viesse a contar com qualquer meio de segurança para o sustento de sua velhice, que já se avizinhava.

Gregório levou, então, a Amélia a notícia de que lhe arranjava um lugar de escriturária, no antigo Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio. E foi com os vencimentos desse emprego, que ela na velhice pôde viver independentemente, sem o auxílio de amigos e parentes. Visitava-a Gregório da Fonseca com assiduidade, sempre se mostrando preocupado com o bem estar da musa de seu glorioso amigo.

Após sua morte, em 1945, a família de Amélia de Oliveira publicou, em 1950, alguns de seus sonetos – os remanescentes – em um livro intitulado Póstuma. Por eles, pode-se aquilatar seu talento de poetisa que, como disseram alguns críticos, poderia figurar nas melhores antologias e ser mais conhecida, já que grande parte de sua obra se perdeu no tempo como é próprio de quem não sustenta a vaidade nem o desejo da projeção. E como disse o escritor Fernando Jorge (um dos biógrafos de Bilac) – “poesia é acústica, ressonância de nossas emoções”,

Em sua biografia, Elmo Elton enumera as diversas mensagens de agradecimento e elogios ao trabalho de Amélia de Oliveira em seu livro *Póstuma*, mas uma mensagem há que se destacar por sua beleza, em versos – A GRANDE MUSA DE BILAC, do poeta cearense Mario Linhares, 1889 / 1965 :

Lendo os versos de Amélia de Oliveira,
a grande musa de Bilac – eu penso
nesse drama imortal do amor imenso
que a alma lhe sublimou a vida inteira.

Tem seu estro a fragrância verdadeira
das lindas rosas de um jardim suspenso
e, entre volutas místicas de incenso,
sua imagem reluz, doce e fagueira.

Santificando a dor, viveu no exílio
de si mesma, nimbada pelo idílio
de uma afeição romântica e secreta.

Mesmo assim, nestas páginas sentidas,
revive a flor das ilusões perdidas,
à luz da glória de seu grande poeta!

Um detalhe de profunda emotividade que demonstrou a sensibilidade do grande amor entre Amélia e Bilac: Laurita Lacerda, amiga íntima de Amélia, assim historiou, após o falecimento de Bilac: “Desde muito, guardava a ex-noiva do poeta, as grandes tranças de seus cabelos negros de quando moça. Logo que Bilac expirou, confeccionou ela uma pequena almofada, enchendo-a com seus cabelos, almofada em que deu o repouso final a cabeça do poeta”.

Bibliografia:

- O NOIVADO DE BILAC, de Elmo Elton – Edição “Organizações Simões” – RJ – Coleção Rex, 1954
- VIDA E POESIA DE OLAVO BILAC, de Fernando Jorge, Edição “Exposição do Livro” (sem data)
- PÓSTUMAS, de Amélia de Oliveira, Impressos Mauá – Rio de Janeiro, 1950



GONÇALVES DIAS E O ROMANTISMO

(10.08.1823 – 03.11.1864)

Palestra proferida em 18.06.09
pelo Acadêmico Gerson Valle

Quando Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) tinha apenas vinte e quatro anos é publicada, em Portugal, uma elogiosa resenha de seu livro “Primeiros Cantos”. Assinava-a o consagrado escritor Alexandre Herculano. Isto concorreu para que a burguesia nacional procurasse lê-lo, e nele logo identificasse o primeiro poeta importante brasileiro, cujo surgimento era ansiado. A sociedade prezava bastante a Poesia nessa época, e o momento era do Romantismo. Até mesmo o imperador o admira. O contraste de seus versos de grande ternura com os de uma força telúrica continuou sempre a atingir a sensibilidade dos leitores. Pode-se dizer que tal contraste encerra o que há de mais romântico, o heroísmo e a sentimentalidade, e o Romantismo não cessou nunca de tocar a alma brasileira.

Romântica foi sua obra, e sua vida teve uma movimentação bastante diversificada, como pede o espírito de aventura romântico. Porém, isto se deveu mais à necessidade de trabalho que de ânimo aventureiro. Não tinha o espírito inconsequente que predispõe à aventura romântica. Talvez mesmo se possa dizer que era mais voltado à paciência do estudioso ou curiosidade do cientista. Até que ponto, no entanto, o que lhe afligia na realidade, desejando sempre mudar, lamentando o presente, não era propriamente uma inquietação romântica, mas a atitude de um analista das dificuldades por que passava seu meio, seu tempo, seu país?

Nasceu num lugarejo perto de Caxias, no Maranhão. Era filho ilegítimo do comerciante português João Manuel Gonçalves Dias com a cafuza Vicência Ferreira. Com seu nascimento passaram a viver juntos. Mas, quando tinha 6 anos de idade, o pai abandona a mãe, para se casar com a senhora branca Adelaide Ramos de Almeida. Leva com ele nosso pequeno Antônio, matriculando-o em colégio para receber as primeiras letras, o que se pode, nessa época, considerar um privilégio para quem possuísse suas características étnicas e sociais. Aos 10 anos é colocado como caixeiro e encarregado da escrituração dos negócios do pai. Por aí já se percebem a inteligência e o esforço que continuarão a caracterizá-lo a vida inteira. Seu pai reconhece isto e aos 12 anos o retira do balcão para que estude latim, francês e filosofia! Sempre com orgulho dos talentos demonstrados pelo filho, quando este tem 15 anos o leva para São Luís, na intenção de embarcar com ele para Portugal, desejando que lá complete sua formação. No entanto, João Manuel morre ainda em São Luís. Com sorte, no ano seguinte, um vizinho da madrastra resolve levá-lo para Portugal. Parece que os talentos do rapazinho faziam com que se investisse nele. E esse era um tempo ainda em que se investia num talento jovem, desejando-se ajudar, fazer justiça, por bondade, religiosidade ou o que fosse... Hoje em dia, uma biografia semelhante, se se pode fazer um paralelo com os usos e costumes, seria difícil de ter o mesmo desenvolvimento. Em Coimbra, após alguns estudos, entra para a faculdade de Direito sem dificuldade na demonstração de conhecimentos. No meio do curso, a madrastra, que o estava custeando, escreve-lhe dizendo não ter mais disponibilidade financeira para o continuar fazendo. Tão querido era dos colegas de faculdade, que estes lhe oferecem moradia e alimentação, conseguindo diplomar-se, além de ter estudado alemão, e lido o necessário para uma bela formação em seu tempo.

É durante os sete anos que esteve pela primeira vez em Portugal, que escreve alguns poemas de seu primeiro livro, aí sentindo as saudades do sabiá e das palmeiras com a “Canção do Exílio”. Note-se que, de certa forma, para um jovem do interior uma vida de estudante em Coimbra, desfrutando do que culturalmente desejava, rodeado de bons amigos, e ainda tendo algumas namoradas, é curiosa a nostalgia por sua terra natal, onde nada disto desfrutava... Diga-se de passagem que Gonçalves Dias era pardo (o que não era bem visto) e de somente um metro e meio de altura, o que, para um homem não é considerado atraente. Porém, seja pelo que for, cativava as mulheres. Pela vida toda, teve muitas namoradas, às vezes mais de uma ao mesmo tempo, e muitas deixaram por escrito seu encanto pelo poeta! Certa vez quase morre por ter sido flagrado com uma mulher comprometida, coisa que comprova sua agitada vida amorosa... De que tanto se queixava o romântico?

Ao voltar dos estudos em Portugal, é nomeado, em Caxias, sua terra, para uma banca examinadora de mestras de meninas. E seu caráter se resalta de pronto, pedindo demissão ao cientificar-se de que os outros examinadores eram amigos das famílias de algumas meninas... Mora poucos meses em São Luís na casa do amigo Alexandre Teófilo, que lhe consegue uma

passagem, do Vice-Presidente do Maranhão, para o Rio. No Rio escreve o drama “Leonor Mendonça”, após muita leitura na Biblioteca Pública. Seu drama “Beatriz Cenci” é recusado pelo Conservatório Dramático que o considera imoral. Mas, seu livro “Primeiros Cantos” é publicado com sucesso, logo aparecendo em Portugal o elogio de Alexandre Herculano. Foi, nesta época, professor de Latim no Liceu de Niterói, e, logo após o sucesso de seu livro e crítica de Herculano, entra para o Instituto Histórico e é nomeado professor de Latim e História do Brasil do Colégio Pedro II. O imperador, admirando sua poesia, lhe concede a Ordem da Rosa. Orgulhoso, Gonçalves Dias ao ver o seu nome numa página inteira de agraciados, no “Jornal do Comércio”, diz não ter sido “distinguido”, mas sim “confundido”, e que não gostava de ver seu nome ao lado de “tendeiros e negreiros”. Sua crítica é ferina à condição do país onde se prestigiavam grandes fortunas nascidas do bárbaro comércio de escravos.

Depois de 4 anos de Rio de Janeiro é incumbido pelo governo a estudar a instrução primária, secundária e profissional nas províncias do Norte, e para aí colher documentos históricos. Casado, 3 anos depois, é nomeado 1º Oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros. Dois anos depois é comissionado para estudar os métodos de instrução pública em diversos países da Europa e coligar documentos referentes à História do Brasil nesses países. Quando procura os relatórios que entregara ao governo sobre a educação, para deles tirar alguns dados, não os encontra. Escreve ao ministro Paranhos mostrando-se indignado de como o poder público estava mal servido no país. Dois anos depois, sua esposa volta ao Brasil, e ele permanece só, na Europa. Trabalha para o governo na “Exposição de Paris”, enviando um relatório onde sugere ao imperador a adoção do sistema métrico no Brasil. Visita escolas na França, Bélgica, Alemanha, Áustria, Itália, Suíça, dentro de suas obrigações de observador do governo para aprimoramento da educação. Namora uma belga, que deseja que ele viva com ela. Ao mesmo tempo namora uma brasileira em Paris que deixou escrito amar-lhe tanto que sempre desejaria realizar-lhe todos os desejos. Nomeado chefe na Comissão Científica de Exploração ao norte do país, volta ao Brasil. Trabalha então junto a índios do Amazonas, onde exerce funções de historiador, etnólogo, pedagogo, filólogo... Sim, pode-se dizer que o bacharel em Direito foi tudo isto, por seu esforço próprio, estudos, quando essas ciências despontavam e ele era dos poucos em nossa sociedade capaz de acompanhar tais progressos.

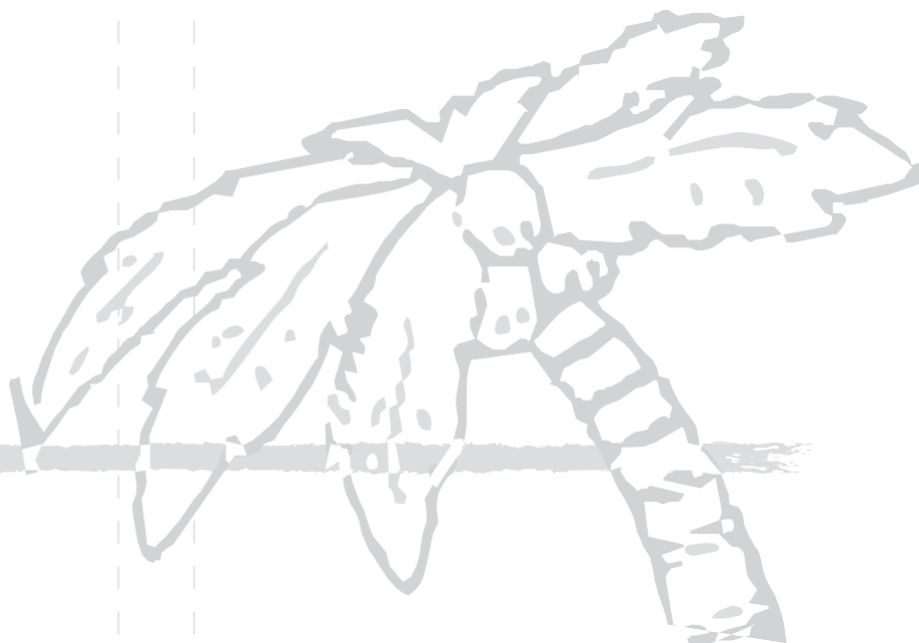
De certa forma, sua dedicação em pesquisas por questões brasileiras, arregaçando as mangas para realizá-las e refletir sobre nossa realidade, procurando o desenvolvimento, antecede obras de intelectuais como Euclides da Cunha, Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Hollanda, Mário de Andrade... Aliás, como Mário, ele também foi mais que trezentos, e digo até filólogo porque escreveu, inclusive, um dicionário de tupi-guarani e nas “Sextilhas de Frei Antão” utiliza expressões arcaicas... Sua admiração pelos índios nos mostra o etnólogo, observando serem eles prestativos, e que deve ter havido uma alta civilização que decaiu, em tudo condizente com seus poemas indianistas. O “romantismo” se encontrava com o “cientificismo” de seus trabalhos?

O exagero da expressão romântica, enfática e/ou queixosa, encontra, sim, a realidade, se percebermos no “Canto do Piaga” uma representação dos índios dizimados no Brasil. Reproduzo algumas quadras (1):

“Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribo Tupi vai gemer;
Hão de os velhos servirem de escravos
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!

Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por ínvio sertão;
Anhangá de prazer há se rir-se,
Vendo os vossos quão pouco serão.”



De volta ao Rio, depois de 8 anos, já não vive com a esposa, com quem tivera uma filha que morrera. Sua saúde que foi precária desde a adolescência, piora sempre. É diagnosticada inflamação crônica no fígado e lesão no coração, além de problemas constantes de coluna, garganta e de sífilis. Parte para o Maranhão para rever sua terra, tentar descansar, mas em Recife um médico o aconselha a deixar a zona tórrida, e embarca ali mesmo num navio a vela, como único passageiro, para a França. A viagem é relatada num diário, onde se pode constatar seu estoicismo. Descreve seus sintomas, o inchaço dos membros inferiores que o impedem alguns dias de vestir as calças, a quantidade de galinha que levava para sua alimentação, racionando-a para o caso da viagem se prolongar e não ter o que comer, e mais mínimos detalhes de ocorrências na navegação. Quase não se levanta. Mais de quarenta dias e chega à Europa. Passa quase dois anos se tratando em estações de águas, é operado na Bélgica, onde lhe tiram o sino da garganta. Na poesia se queixa de agruras sentimentais, mas, o homem, na prática, suporta tudo estoicamente. Onde mente o poeta, onde a homem se disfarça na Poesia? É nomeado mais uma vez para colher documentos históricos. Em Paris trata de angina e gastrite, e resolve retornar ao Maranhão com o amigo Odorico Mendes. O amigo morre e atrasa o retorno para cuidar dos escritos por ele deixados. Embarca, finalmente, no Havre, no navio “Bois de Boulogne”. Piora na viagem. Já sequer consegue comer, com a dor na garganta e várias partes do corpo. Quando é avistada a terra do Maranhão, pede que o deitem no tombadilho para apreciá-la. O navio bate numa pedra e afunda. A tripulação se salva, mas seu corpo jamais foi encontrado.

II

A morte de Gonçalves Dias tem uma feição romântica, como sempre se considerou também romântica sua paixão obstinada por Ana Amélia Ferreira do Valle. Conheceram-se logo que retornara dos estudos em Portugal, durante os cinco meses que passou na casa do amigo Alexandre Teófilo, de quem ela era prima e cunhada. Achou-a graciosa em sua adolescência de 14 anos, logo lhe inspirando alguns poemas, que são como pinturas românticas, ainda não de paixão, mas de amor pela beleza e juventude e de sujeição romântica ao lado feminino da vida: “Leviana”, “Mimosa e bela” e “Seus olhos”, de onde reproduzo:

“Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Às vezes luzindo, serenos, tranquilos,
Às vezes vulcão!”

Cinco anos depois, quando volta do Rio para cumprir a missão de estudar a educação no norte do país, resolve parar um pouco de novo para reviver os tempos felizes na casa do amigo Alexandre Teófilo. E aí reencontra Ana Amélia já moça, vistosa, pronta para receber sua paixão. Demora-se alguns meses em São Luís, não descuidando de visitar colégios, seminários, bibliotecas e arquivos, onde também pesquisa para a sua “História dos Jesuítas”, que nunca chegou a completar. Mas, a razão da demora maior, evidentemente, era o namoro com Ana Amélia.

Deixou para pedir a mão de sua namorada à mãe dela no último instante, quando partia para continuar sua missão no Ceará. E aí Dona Lourença tinha se retirado para Alcântara com as três filhas. Só lhe restou fazer o pedido por carta. E este é um documento notável, que lembra o que disse dele o intelectual Otto Maria Carpeaux, que logo ao chegar ao Brasil se encantou com seus versos: Maior que o poeta era o homem Gonçalves Dias! Sim, quantas outras pessoas teriam tanto caráter para a sinceridade dessa carta? Qual apaixonado que se diminui quando tenta alcançar a felicidade de viver com a amada, por amor maior pela honestidade, e para que, mesmo que contra ele, a decisão da mãe responsável pese bem a decisão sobre a concessão ou não da mão da filha? Escreveu: “Não tenho a ambição de figurar na política de meu país, nem o amor a fazer fortuna, e quando se desse o contrário faltar-me-ia ainda a habilidade, o jeito a alcançar ambas ou qualquer dessas coisas. Assim, parece-me que nem chegarei a ter mais do que hoje tenho, sendo difícil que venha a ter menos, nem valerei mais do que hoje valho, que é bem pouco. Não desconheço que outros, e de certo melhores partidos se oferecerão para sua filha: a única compensação, que lhe posso oferecer, mas que não sei se a julgará suficiente — é que me parece ter conhecido quanto ela por suas qualidades se recomenda, e querer lisonjear-me de que a trataria quanto melhor pudesse, se bem que não quanto ela merece.”

A resposta de dona Lourença chegou-lhe quando já se encontrava no Recife, prosseguindo seu trabalho. Breve, em quatro linhas, repudiava o pedido, demonstrando na brevidade o quanto considerava atrevido o pedido da mão de uma de suas filhas feita por um cafuzo filho ilegítimo! Pelo resto da vida, Gonçalves Dias demonstrará sua dor pela perda de Ana Amélia em vários poemas. Ainda no Recife escreveu o famoso poema em versos brancos “Se se morre de amor”, indiretamente relacionado ao que passava, de que reproduzo o início:

“Amor é vida; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração — abertos
Ao grande, ao belo; é ser capaz de extremos,

Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
O ditoso, o misérrimo dos entes:
Isso é amor, e desse amor se morre!”

Ana Amélia manda-lhe uma carta, pedindo que ele desobedeça sua mãe, e a tire de casa. O homem Gonçalves Dias seria incapaz de um ato desmedido como este, por mais que o poeta o desejasse.

Antes de tudo isto ocorrer, Gonçalves Dias conhecera a filha de um médico, Olímpia Coriolano da Costa, apaixonada por ele. Nunca chegou a amá-la, mas, considerada friamente a situação, depois da perda irreversível de sua amada Ana Amélia, ao voltar ao Rio, casa-se com Olímpia, nunca sendo feliz com ela.

Ana Amélia também se casou pouco após esses eventos. A condição de origem e cor de seu marido era igual à de Gonçalves Dias, e parece que ela o escolheu de propósito para humilhar a família. Mas, desta vez ela convenceu ao noivo de tirá-la à força de casa, sua mãe tendo apenas de consolidar o casamento. O marido, comerciante, faliu e fugiu para Portugal. Lá, alguns anos depois, o poeta a encontra casualmente, e escreve “Ainda uma vez – adeus!”

“Louco, aflito, a saciar-me
D'agrar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quase no passo extremo,
No último arcar da esperança,
Tu me vieste à lembrança:
Quis viver mais e vivi!

Pensar que o teu destino
Ligado ao meu, outro fora,
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deus “ab aeterna” a fizera,
No meu caminho a pusera...
E eu! Eu fui que a não quis!

Dói-te de mim, que te imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão!... de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miséria,
Da dor que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Também do mal que me fiz!”

A expressão desesperada da poesia romântica dá a idéia de que a dor do poeta o impossibilita de viver. No entanto, Gonçalves Dias não só vivia ao lado de tais poemas, como se casou e namorou outras moças, como nunca deixou de cumprir suas obrigações como funcionário exemplar e estudioso de vários assuntos. O fato de seu casamento não ter dado certo, de enfadá-lo os ciúmes que a mulher sentia dele, de lhe parecerem bisonhas suas am-

bições, de até dela se ter separado de fato, talvez demonstre sua personalidade independente e muito ligada a preocupações intelectuais pouco usuais no normal das pessoas da sociedade brasileira de então, mais do que a chateação de a esposa não ser a Ana Amélia. Lúcia Miguel Pereira (2) pergunta, em sua biografia de Gonçalves Dias, se acaso se tivesse casado com Ana Amélia, se dela, com o tempo, também não se enfadaria... E aí o retorno à questão fundamental aqui colocada. Até que ponto suas queixas da vida tão repetidas não encerram um ideal que lhe chegou pela escola literária de seu tempo, seus costumes, colocações da moda? Até que ponto o homem Gonçalves Dias era romântico como foi o poeta?

III

A resposta não é simples. Ao mesmo tempo está relacionada com o próprio significado da Literatura como um todo. A questão de o poeta ser um fingidor colocada por Fernando Pessoa parece-me encontrar-se no cerne de todo problema literário. Na verdade, a Literatura expressa por formas próprias algo que já não é vida, mas que da vida toma as grandes coordenadas. Gonçalves Dias deve ter amado de verdade Ana Amélia. Deve ter sofrido por perdê-la. Mas, a forma de expressar poeticamente esta dor parece transformar o próprio sentido da vida, ultrapassando os meios de sobreexistência, quando na verdade, ele sobreviveu! O sentido da Poesia é este. Dar realce pela forma. No caso do Romantismo, não ser a dor, por exemplo, mas expressá-la, chegando a seu paroxismo para realçá-la, fazê-la visível, até mesmo fazer com que o leitor sinta o reflexo de algo existente, sim, mesmo que não da mesma forma exagerada que parece tomar a expressão escrita. Mas, ainda assim, verdadeiro.

E Gonçalves Dias foi nosso primeiro poeta a criar uma forma viva, que incorpora a personalidade de um povo, que o faz sentir identidade com uma manifestação cultural. A começar pelo ritmo e seus temas. Além do lado lírico, que preocupava tanto a época romântica, a chamada de atenção que nos situa, a “poesia americana”. Sua mestiçagem parece clamar pelo ritmo forte de muitos de seus versos. Usa bastante o anapesto para expressar essa força. O anapesto que vem dos gregos e que neles consistia em duas sílabas breves e uma longa, entre nós é a sequência de duas sílabas átonas e uma tônica. É como se fossem, em música, duas semicolcheias e uma colcheia, ou seja, o compasso binário da marcha:

“Ó guerreiros da taba sagrada,
Ó guerreiros da tribo tupi.”

Binário com a força não só de marcha, mas mesmo, dependendo da leitura, dá a sensação da sincopa de ritmo brasileiro de origem africana:



“No meio das tabas de amenos verdores,
Cercados de troncos – cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação”

Estes são versos hendecassílabos, que seguem o mesmo ritmo das redondilhas menores, uma vez que a quinta sílaba é sempre acentuada, e a sílaba átona final da redondilha pode compor o hendecassílabo se juntada com o verso seguinte:

“Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte,
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.”

É de se notar que a metrificação em Gonçalves Dias não é sempre ortodoxa, seguindo mais o sentido rítmico do verso, e este sempre de acordo com a intenção de seu significado. Isto deu margem a alguns equívocos. A começar pelo famoso artigo de Alexandre Herculano, que elogia o poeta que surge no Brasil, vendo sua distinção por tratar de temas americanos, e não simplesmente copiar os motivos europeus, mas também observa que há algumas falhas métricas em seus versos, que acha que a maturidade fará corrigir... O que não se cumpriu, uma vez que na posterior edição de Leipzig, Gonçalves Dias corrigiu algumas imperfeições de língua e estilo, mas nenhuma de metrificação! De onde se conclui que não se tratavam de erros, mas sim de formas que desejava! Gonçalves Dias pertencia ao movimento que se opunha a classicismos, o Romantismo. Herculano fixou sua poesia na mocidade, se bem que já dando tratamento romântico aos temas, e ele inicia este movimento em Portugal, formalmente ainda preso a estéticas árcades, que foram neoclássicos. Isto foi um fenômeno português. O Romantismo, como um todo, procurou maior liberdade de expressão, e nada de equilíbrios clássicos. O gosto mais de invenção que de repetição. Ao contrário dos clássicos, dos árcades e dos posteriores parnasianos, que equivalem aos realistas na prosa como reação ao Romantismo, observe-se que os românticos não usavam com a mesma frequência, por exemplo, uma forma fixa como o soneto.

Manuel Bandeira, em sua biografia de “Gonçalves Dias” (2), livro notável de demonstração de amor de um poeta modernista a outro poeta do passado, cita a existência na biblioteca da Academia Brasileira de Letras de um exemplar de “Os Timbiras”, o poema épico que Gonçalves Dias deixou incompleto, com observações à margem do parna-

siano Alberto de Oliveira, tais como: “Errado” ou “Errado ou pelo menos frouxo”. Cita também a edição Garnier que contratou um revisor para “consertar” a métrica onde não estivesse nos parâmetros clássicos ou parnasianos.

Ora, Gonçalves Dias, em sua efervescência rítmica, vai muito além da contagem de sílabas tradicional. Por vezes, propositalmente, muda de decassílabo para hendecassílabo que faz o ritmo criar efeito na narrativa. Tudo em função do sentido. Observe-se a mudança do hendecassílabo para a redondilha maior em “I-Juca-Pirama”, que efeito formidável produz:

“Dize-nos quem és, teu feito canta,
Ou se mais te apraz, defende-te.”

Aliás, não só variava de metro dentro de estrofe, como gostava de variar de estrofe dentro da poesia. E o que mais poderia irritar os parnasianos, não se importava de usar hiatos fora das palavras:

“Mas elas perturbaram-se – coitadas!
E empalideceram, contristadas”

(Bandeira comenta: “quem não sentirá o movimento sobressa no hiato “E empalideceram”?)

Quanto à questão de rima, já citei versos brancos de “Se se morre de amor”. Quem sente aí a falta de rima? E é de se lembrar que não fazia questão de rima rica, usando muitas toantes, e até mais sutis como “grata” com “nota”, ou “tarde” com “perde”. A sonoridade é encantadora! E isto vale mais que as regras!

Manuel Bandeira observa sobre o assunto: “O estudo da poética de Gonçalves Dias prova que a regulamentação da poesia, se é coisa útil para ajudar os poetas medíocres a fazerem versos passáveis (a sentença é... de Bainville), nada vale para quem, como era o caso do grande romântico, não precisa de regras de ninguém para criar o seu ritmo e a sua música”.

Concluo tentando responder à questão colocada no início: Gonçalves Dias tinha o espírito lírico de sua poesia romântica ou a frieza científica de seus estudos e trabalhos e até das posturas de auto-piedade romântica, mas com a justeza e igualdade para com seu próximo, como na carta de pedido à mãe de Ana Amélia?

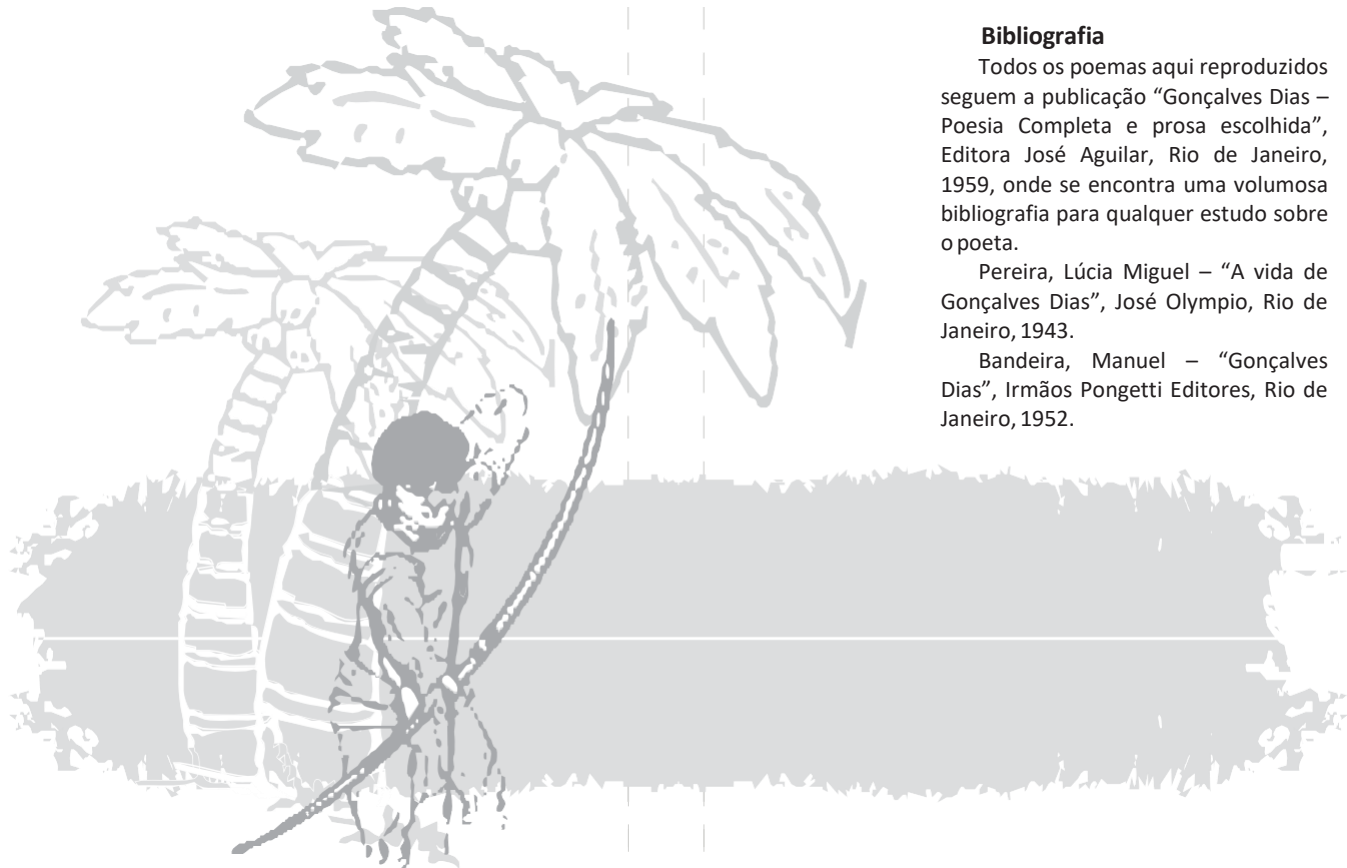
No fundo, não há essa tão aparente contradição. Gonçalves Dias era um homem que procurava o saber e a justiça. Sentia ser de um país de muitas injustiças, a começar pela escravidão, de que foi dos primeiros a escrever que era a característica pior para quem quer que chegasse de fora e nos examinasse: aqui o trabalho era escravo, mandado por senhores que nada faziam e torturavam seus irmãos só pela cor negra. E sem trabalhar, nada progredia, todos só querendo empregos para ganharem, e títulos para se exibirem... Faz a análise fria, científica, como um antropólogo antes da existência desta profissão, mas que foi, um antropólogo “avant la lettre”. E demonstra, por sua vida, um exemplo de como se pode conduzir para as coisas mudarem. A idéia de mudança o torna sonhador, sim, romântico. A sua sensibilidade exagera a dor romântica. E nisto mostra o lado positivo da brasilidade, sua veia artística. Sim, a brasilidade, seu estudo e exemplificação têm em Gonçalves Dias um dos mais destacados pioneiros. E sua linha terá outros tantos notáveis em nossa cultura. Daqueles que criticam nossas raízes, para compreenderem o que somos e como devemos agir para progredirmos. Só lamento é que outra característica brasileira seja a do esquecimento e desprezo pela sua própria cultura. Quantos estão estudando e escrevendo sobre o passado de europeus e norte-americanos que ignoram o significado de um Gonçalves Dias? Este esquecimento é também nefasto, fazendo-nos estar sempre recomeçando, e nos desenraizando, tornando-nos tão estranhos a nós mesmos que acabaremos sendo parte de um passado que não nos pertence. Como os africanos colonizados pelos franceses diziam, na época da colônia, que seus antepassados eram os paladinos de Carlos Magno. Foi bom isto para a África? Também não é bom para o Brasil desconhecemos o romântico excelente caráter, que nos aponta o que somos e como mudarmos, que foi Gonçalves Dias.

Quando morreu fez-se luto nacional. E, no Rio, um jovem escritor de nome Machado de Assis, homenageia-lhe num poema, donde tiro o dístico que procura um ritmo diferenciado para dar ênfase à dor de forma exaltada, bem romântica, tirando proveito da mudança do decassílabo heróico para o sáfico:

Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirai comigo!

E, numa palestra que assisti no Museu Imperial, a Duquesa de Paris, neta da nossa princesa Izabel, contou que, quando criança, sua avó, sentindo-se sempre exilada, gostava de descrever o Brasil, dizendo que deviam dele se orgulhar e para lá retornarem, terminando sempre recitando de cor a eterna e bela “Canção do Exílio”:

“Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem que ainda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.”



Bibliografia

Todos os poemas aqui reproduzidos seguem a publicação “Gonçalves Dias – Poesia Completa e prosa escolhida”, Editora José Aguilar, Rio de Janeiro, 1959, onde se encontra uma volumosa bibliografia para qualquer estudo sobre o poeta.

Pereira, Lúcia Miguel – “A vida de Gonçalves Dias”, José Olympio, Rio de Janeiro, 1943.

Bandeira, Manuel – “Gonçalves Dias”, Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1952.

EMÍLIO DE MENEZES E SUAS CONTROVÉRSIAS

Palestra proferida em 13.08.2009
pelo Acadêmico Oswaldo Lino Soares

A vida e a poesia hilariantes de Emílio de Menezes suscitaram, pelo menos, duas controvérsias. A primeira diz respeito à classificação da poesia alegre do poeta. Segundo os postulados da escola parnasiana, Emílio foi um excelente poeta, cultor de esmerada forma, que abordava uma temática usual na época. Mas, como se pro-sobremodo na literatura pátria pela “musa galhofeira”, como classificar sua poesia ?

A questão, inclusive, foi objeto de uma acesa polêmica literária. Humberto de Campos, que sucedeu Emílio na cadeira nº 20, da Academia Brasileira de Letras, no seu discurso de posse, em 8 de maio de 1920, abordou a questão: declarou ser Emílio um poeta satírico e não, humorístico, porque enquanto este zomba do mundo ou até de si mesmo, o satírico, ao invés, volta-se contra uma pessoa determinada, identificando o seu alvo.

Luiz Murat discordou da classificação e contra-argumentou que Emílio fora um poeta humorístico, um caricaturista da literatura, indisciplinado e terrível. Agripino Grieco ingressou na polêmica para apoiar Humberto de Campos, afirmando que Emílio de Menezes, não obstante ter levado uma vida humorística, perdulária e de dissipação, foi, acima de tudo, um poeta satírico, nos moldes de Horácio e de Juvenal.

Emílio de Menezes nasceu em Curitiba, Província do Paraná, a 4 de julho de 1866, sendo filho de Emílio Nunes Correia de Menezes, zeloso servidor da Repartição de Terras Públicas e, também, poeta, e de D. Maria Emília Lopes Correia de Menezes. Foi o sétimo filho do casal, mas o primeiro varão da prole e foi criado no meio das irmãs mais velhas, no dizer de Raimundo de Menezes, seu principal biógrafo (que não é seu parente) como “um rei mirim doméstico.”

Aos cinco anos perdeu o pai e, após as primeiras letras, foi matriculado no Instituto Paranaense afim de estudar humanidades, tendo como colegas, dentre outros, Nestor Victor e Emiliano Perneta.

Aos quatorze anos, para ajudar a família, passou a trabalhar na farmácia de seu cunhado, Jerônimo José Pereira Pinto Requião, conhecido como “Requiãozinho”, fazendo entrega de remédios e aviando receitas. Nesse período, nas horas vagas, devorava todos os livros que caíam em suas mãos, notadamente, os de poesia.

Por ocasião dos dezenove anos, Emílio é um rapaz esguio, vaidoso, com um pequeno bigode e vestido com apuro, sendo conhecido como “Doutor Mosquito”, que frequentava bailes, saraus e clubes da capital da província. Sua silhueta, na época, era totalmente diferente daquela pela qual ficou imortalizado no Rio de Janeiro: um homem obeso com vasta papada ultrapassando o colarinho e fartos bigodes.

Já começara a publicar seus poemas nos jornais Dezenove de Dezembro e Gazeta Paranaense e, fascinado pela poesia, passou a frequentar as rodas literárias de Curitiba, quer na Livraria Contemporânea, quer na Confeitaria Esperança.

Em 1866, com vinte anos, publicou na Gazeta Paranaense a primeira sátira que lhe deu notoriedade. O alvo foi o poeta Bernardino Lopes, então com certa projeção no Rio de Janeiro, pelo lançamento de seu livro “Cromos”, com poesia simples e de forte aceno popular. Bernardino Lopes era um mestiço exibicionista, um tipo extravagante que escandalizava a todos com a sua companheira “Sinhá Flor”, uma mameluca pernambucana, também extravagante no vestir e no proceder. Emílio, da província, não conhecia Bernardino Lopes, os jornais da época não estampavam fotografias, sendo o soneto satírico escrito por relatos jornalísticos. Eis o soneto:

Empertigado manlandrim pachola,
De polainas, monóculo e bombacha,
Mandou pôr nas botinas meia-sola
E abandonou de vez Porto das Caixas

Traz registradas na caraminhola
Marcas de pontapés e de bolachas,
Faz versos; nos lundus ao som da viola
É o Conde Monsaraz das classes baixas.

De Sinhá Flor na rabadilha ansioso,
De focinho no ar e erecto rabo
Tem estusias de cachorro gozo.

Come sardinha e dois vinténs de nabo;
Bufa num quebra-queixo pavoroso
E arrota petisqueiras de nababo.

Anos depois, com Emílio de Menezes já no Rio de Janeiro, Bernardino Lopes vindo a saber da sátira, resolveu dar o troco, descrevendo Emílio:

Esse que a forma lembra de uma pipa
Das que vazam cachaça em vez de vinho,
Esse monstro de palha e de toucinho,
De pouco cérebro e muita tripa...

Buscando novos horizontes literários, resolveu vir para a corte, vocábulo que, à época, designava o Rio de Janeiro, trazendo cartas de recomendação para paranaenses de destaque, inclusive, uma carta de seu amigo Nestor Victor (futuro crítico literário), ex-colega no Instituto Paranaense, para o Comendador Coruja que, aliás, era filho adotivo de um irmão de sua mãe.

No Rio de Janeiro, passou a frequentar a Rua do Ouvidor, buscando contato com os meios literários e, também, a casa do Comendador Coruja. Desse convívio veio a namorar a filha mais nova do Comendador, de nome Maria Carlota, com a aprovação e incentivo da sua família que, com vistas ao futuro casamento lhe arranhou um emprego modesto no Banco do Brasil.

Com o acentuado auxílio da família da noiva, Emílio e Maria Carlota casaram-se em 20 de abril de 1888, nascendo em 15 de março de 1889, o único filho do casal, de nome Plauto Sebastião.

Entretanto, Emílio, entediado com o seu emprego, abandonou-o e continuou a frequentar as rodas literárias das Confeitarias Paschoal e Castelões e os cafés do centro da cidade, como o Papagaio, Londres, Amorim e outros, onde a chamada geração de Bilac e de Paula Nei se reunia. Essa participação na vida literária, com o comportamento boêmio dos poetas e prosadores, gerou desentendimentos entre o casal e, com o advento da república e para salvar o casamento, o Comendador Coruja arrumou para Emílio o cargo público de escriturário da Inspetoria Geral de Terras e Colonização, na cidade de Paranaguá, afastando, desta forma, o genro do Rio de Janeiro.

Emílio, com mulher e filho, embarcou para Paranaguá e tomou posse no cargo no início de 1890, mas, no fim desse ano, abandonou-o e voltou para o Rio de Janeiro, onde encontrou a cidade usufruindo a orgia financeira do “encilhamento”, decorrente da política monetária de Rui Barbosa, então Ministro da Fazenda, que optou por aumentar a emissão de moeda afim de estimular o mercado de capitais para desenvolver a industrialização do país.

A expansão monetária, não mais com base no padrão ouro e, sim, por lastro de títulos da dívida pública, gerou desvalorização da moeda e inflação, sem propiciar qualquer desenvolvimento industrial, já que o dinheiro farto era desviado para outros fins, inclusive, para empresas-fantasmas.

Emílio, revelando grande vocação e habilidade para intermediar a captação desses capitais, enriqueceu de um momento para outro e iniciou um período de ganância incontrolável com os lucros da especulação na Bolsa e negociatas de toda ordem.

Enriquecendo, Emílio desquitou-se da esposa pela via amigável e, deixando de vez a família, comprou carruagens caras, casa em Petrópolis e sustentou amantes francesas, sem esquecer de seus amigos boêmios a quem sempre socorria, inclusive, hospedando-os em sua nova residência. Começou também a engordar desmedidamente, ganhando a silhueta pela qual passou a ser conhecido.

Após esse período, em flagrante contraste com a sua vida opulenta, Emílio escreveu “Marcha Fúnebre”, publicado em meados de 1893, mantendo uma participativa vida literária e boêmia, continuando a colaborar com poesias na Gazeta de Notícias.

No entanto, a orgia financeira do “encilhamento” chegava ao fim com falências desastrosas de empresas e escândalos pelos desvios de capitais. Em 1891, com a Revolta da Armada, desencadeada pelo Almirante Custódio de Melo, Deodoro da Fonseca foi deposto e substituído por Floriano Peixoto, dando-se marcha-ré na política expansionista do crédito fácil. De pronto desabaram fortunas e à rapidez do enriquecimento seguiu-se um veloz empobrecimento, inclusive para Emílio que tudo perdeu.

Para enfrentar a penúria, o poeta passou a colaborar em quase todos os jornais da cidade, voltando, com maior intensidade às rodas boêmias, bebendo cada vez mais e “mordendo” seus colegas de farras e tertúlias.

Nessa época, Emílio tornou mais ácidos seus epigramas, trocadilhos e blagues.

“Marcha Fúnebre” constituiu um êxito literário como poesia parnasiana, causando espanto a temática lúgubre escrita por um folgazão esfuziante de alegria como Emílio.

O poeta passou a ter o seu ganha-pão, ou como ele dizia, “ganha-alcool” na imprensa, não, apenas, com versos, mas, também, com crônicas e artigos.

Em 1894, dado a um atrito de Bilac com um dos sócios da Confeitaria Paschoal, transferiu-se a roda de boêmios para a Confeitaria Colombo, recém inaugurada. A roda de Bilac foi recebida de braços abertos pelo seu proprietário José Lebrão, que fiava as despesas e emprestava dinheiro aos jovens literatos.

Emílio dedicou-lhe uma poesia humorística, um soneto denominado “HINO À DENTADA”:

Esse que a forma lembra de uma pipa
Das que vazam cachaça em vez de vinho,
Esse monstro de palha e de toucinho,
De pouco cérebro e muita tripa...

Lebrão! Tu sabes que a Confeitaria
Colombo é a verdadeira sucursal
Da nossa muito douta Academia
Mas sem cheiro de empréstimo oficial.

Cerca-te sempre a grande simpatia
De todo o literato honesto e leal,
E tu te vais tornando dia-a-dia
O mecenas de todo esse pessoal

Nisto mostras que és homem de talento,
Que não cuidas somente de pastéis
Nem de lucros tirar cento-por-cento.

Atende, pois, a um dos amigos fiéis,
Que está passando por um mau momento
E anda doido a cavar trinta-mil-réis

No período que segue de 1894 a 1902, é que Emílio chegou ao auge de sua vida estouvada, sendo pródigo em blagues e trocadilhos que ganharam notoriedade, a ponto de não se saber onde termina a realidade e começa a lenda.

Conta-se que, retornando para casa, em um bonde lotado, altas horas da noite, viu-se assediado por uma atriz conhecida que queria manter uma conversa animada com o boêmio, então cansado e sonolento. Em dado momento, Emílio olhou para trás e viu que, em outro banco do bonde havia três lugares. Disse para a importuna: "Atriz atroz, atrás há três".

De outra feita, bebia chope com amigos em uma cervejaria, quando um indivíduo que se apresentava pelo sobrenome – Penha – altercou-se com outro por causa de uma mulher de vida duvidosa e acabou rolando pela escada do girau para o pavimento térreo, tendo Emílio registrado: "Um homem que se despenha por uma mulher que se disputa !"

Em um restaurante modesto um amigo discorria sobre entomologia, ciência da qual era especialista, enfatizando que, na Itália, os florentinos estavam muito avançados no combate às formigas. Empolgado levantou-se para fazer gestos da técnica adotada pelos florentinos, mas, talvez, um pouco bêbado, caiu no chão e a serragem ali depositada grudou-se em sua roupa. Enquanto sacudia a serragem, Emílio pilheriu: "Homem, deixa os florentinos, agora estás à milanesa".

Na roda de boêmios comentavam-se os artigos do jornalista Me-deiros e Albuquerque, realçando sua erudição porque escrevia sobre todos os assuntos. Emílio entrou na conversa e disse: "Incontestavelmente, mas é prédio da Avenida..." "Como assim?", espantou-se o interlocutor. Respondeu o poeta: "Muita frente e pouco fundo."

Próximo ao fim da vida, Emílio foi a um hospital fazer uma punção abdominal e, embora sedado, não estava adormecido. Vendo esguichar líquido de seu estômago, exclamou: "Como sai água daí se eu não bebo água?" Costumava, também, colocar a mão na metade do abdômen e dizer: "Daqui para cima é whisky e, para baixo, paraty." Emílio, embora bebesse de manhã à noite, nunca foi visto andando em zigue-zague ou cambaleante pelas ruas, o que levava Olavo Bilac afirmar que o poeta não bebia, mas, antes, libava.

O ano de 1897 foi marcante na vida do poeta porque o ligou ao único grande amor de sua vida. Foi D. Rafaelina de Barros, uma jovem senhora de São Paulo que vivia um casamento infeliz. Com pendor literários e apreciadora dos versos de Emílio, então publicados na revista Kosmos,





escreveu para o poeta, mantendo com ele uma frequente correspondência. Emílio interessou-se em ver, pessoalmente a missivista, diante da acentuada afinidade espiritual e, indo a São Paulo, deparou com uma mulher jovem e bonita, além de inteligente e culta. Apaixonaram-se; os encontros passaram a ser constantes. Certa noite, o marido traído surpreendeu os pombinhos nas proximidades da residência de D. Rafaelina, entrando em luta corporal com Emílio, que saiu ferido da refrega, tendo que ser hospitalizado. D. Rafaelina deixou o lar, tratou de Emílio no hospital e passou a ser a companheira do poeta até o fim de seus dias, sempre zelosa de sua saúde e procurando refrear a vida desregrada que Emílio levava.

O segundo livro de poesia de Emílio veio a lume em 1901, com o nome de “Poemas da Morte”, com feição parnasiana e centrado na mesma temática fúnebre que a obra anterior. O seu reconhecimento como bom poeta parnasiano mais se cristalizou pela forma esmerada de seus sonetos, ao lado do ritmo aprimorado de seus versos. Entretanto, a vida boêmia, as noitadas alegres e a sua intensa participação já em jornais e revistas de todo o país com poesia satírica, enfim, a imagem decalcada de Emílio no meio literário, eclipsou o poeta parnasiano e o projetou para a posteridade como um poeta satírico.

Inúmeras foram as quadras satíricas e epigramas de Emílio publicadas nos meios de imprensa, mas a notoriedade resultou, principalmente, de sonetos daquele matiz como o que escreveu para Oliveira Lima, diplomata festejado e membro da Academia Brasileira de Letras, que, anteriormente, fizera, comentários sobre a vida de divertimentos e de libações alcoólicas do poeta.

O PLENIPOTENCIÁRIO DA ENXÚRDIA

De carne mole e pele bambalhona,
Ante a própria figura se extasia,
Como oliveira – ele não dá azeitona,
Sendo lima – parece melancia.

Atravancando a porta que ambiciona,
Não deixa entrar nem entra. É uma mani!
Dão-lhe por isso a alcunha brincalhona
De “Pára-Vento da Diplomacia”.

Não existe exemplar na atualidade
De corpo tal e de ambição tamanha,
Nem para a intriga igual habilidade.

Eis, em resumo, essa figura estranha!
Tem mil léguas quadradas de vaidade
Por milímetro cúbico de banha!

O interessante é que Emílio satirizou a obesidade de Oliveira Lima quando ele, também, era um homem obeso. Pesava cerca de 120 quilos.

O professor Hemetério José dos Santos foi um negro que se destacou, naqueles tempos racistas, como um reconhecido latinista, filólogo e matemático. Emílio lhe dedicou, entretanto, o soneto seguinte:

O preto não ensina só gramática.
É pelo menos o que o mundo diz.
Mete-se na dinâmica, na estática
E em muitas coisas mais mete o nariz.

Dizem que, quando ensina matemática,
As lições de “mais b”, de “igual a x”,
Em vez de em lousa, com saber e prática,
Sobre a palma da mão escreve a giz.

Uma aluna dizia: – Este Hemetério
Do ensino fez um verdadeiro angu,
Com que empanturra todo o magistério.

E é um felizardo, o príncipe zulu,
Quando manda um parente ao cemitério,
Tem um luto barato, fica nu.

Bastos Tigre, “afilhado literário” de Emílio, que o introduziu, em 1900, no grupo de Bilac, quando aquele era aluno do 1º ano da Escola Politécnica, assim define a sátira do poeta:

O florete sutil de um pérfido epigrama
Não há quem, como o Emílio, ousadamente esgrima,
Ai de quem o seu verso a estultícia deprima,
Vibrando-o, a gargalhar, como um látego em chama!

Às vezes ele sobe e vai, Parnaso acima,
E de “Poemas da Morte” alvo caudal derrama,
O impecável da Forma, a opulência da Rima
Lhe dão de egrégio poeta a quebradeira e a fama.

Juvenal (sem Pacheco) e de bigodes grossos,
Ao vê-lo a turba alvar de tartufos soezes,
Jogando a banha farta, ou sacudindo os ossos,

Exclama, a suspirar, benzendo-se três vezes:
— Livrai-nos Santo Deus, dos inimigos nossos
E da língua ferina do Emílio de Menezes.

Os alvos da sátira emiliana, se poetas, também respondiam em versos, pela via satírica, aos ataques sofridos, enfocando a obesidade de Emílio.

O poeta Raul Braga, por ocasião da queda financeira de Emílio com o fim do “encilhamento”, escreveu:

Morreu de tal quebradeira
Que nem pôde entrar no céu,
Pois só levou cabeleira,
Papo, bigode e chapéu.

Já Saturnino Barbosa, que frequentava a Sociedade Brasileira de Homens de Letras, foi mais ácido em descrever Emílio em soneto que começava com este quarteto:

Bojudo latagão de longas guias
No carão rubicundo e petulante,
Quando caminha, lembra um elefante
Que prelibasse uísque nas orgias.

Na noite de 21 de janeiro de 1906 ocorreu o afundamento do histórico couraçado Aquidabã na baía de Jacareacanga, perto de Angra dos Reis, onde pereceram três contra-almirantes, vários oficiais e marinheiros, em um total de 212 homens. Houve uma verdadeira consternação nacional e Emílio publicou em “O Malho” o poema *Dies Irae*, em versos trágicos, relatando o evento. Dias após, numa roda da Colombo, fazendo *blague*, disse que um capitão de corveta, várias vezes preterido, teria exclamado: “Quantas vagas, meu Deus! Quantas vagas!”

Para não se dizer que Emílio de Menezes fez, apenas, poesia satírica e não, humorística, vale transcrever uma pilhéria do poeta que, com a notícia dos jornais de que a atriz espanhola Peppa Ruiz, radicada no Rio de Janeiro, e o Sr. Pupo de Moraes iriam arrendar o mercado municipal, escreveu o seguinte soneto todo elaborado com palavras que começavam com a letra “p”:

PROSOPOPÉIA DA PEPPA AO PUPO

Parece pêta. A Peppa aporta à praça
E pede ao Pupo que lhe passe o apito,
Pula do palco, pálida perpassa
Por entre um porco, um pato e um periquito.

Após, papando, em pé, pudim com passa,
Depois de peixes, pombos e palmito,
Precipita, por dentre a população,
Passa, picando a ponta de um palito.

Peças compostas por um poeta pulha,
Que a papalvos perplexos empulha,
Prestando apenas pra apanhar os paios,

Permuta a Peppa por pastéis, pamonha...
— Que a Peppa apupe o Pupo e à popa ponha
Papas, pipas, pepinos, papagaios!

Este interessante soneto foi publicado em 1924, após a morte de Emílio, no livro “Mortalhas” e que possuía outro título grafado entre parênteses em sua capa com a frase — “Os Deuses em Ceroulas”, já que reunia, também, poesias satíricas.

Em fins de 1908 e início de 1909, a saúde descuidada e a ingestão contínua de bebida alcoólica, ao lado de sua vida desregrada, agravaram os males de Emílio, prendendo-o ao leito por algum tempo. O poeta estava diabético e com problemas renais e hepáticos.

Moderou a bebida e a vida boêmia, temporariamente. Foi convalescer em Curitiba e, na volta, publicou “Poesias”, reunindo toda obra poética parnasiana que já escrevera.

Com a morte de Raimundo Correia a 13 de setembro de 1911, Emílio, animado por amigos, candidatou-se à vaga do poeta de “As Pombas” na Academia Brasileira de Letras. Foi derrotado por Oswald Cruz, em pleito de 11 de maio de 1912, por 18 votos contra 10. Se alguns amigos ficaram indignados pelo fato de o renomado cientista não ser literato, Emílio, que o admirava, não escreveu qualquer sátira a respeito.

Com o falecimento de Salvador de Mendonça em 5 de dezembro de 1913, Emílio novamente se candidatou à

Academia Brasileira de Letras. A votação ocorreu a 15 de agosto de 1914 e Emílio foi eleito com 23 votos, contra 4 votos dados a Virgílio Várzea e um voto conferido a Gilberto Amado. As rodas da boemia literária do Rio de Janeiro entraram em festas e comemorações...

A posse não se seguiu à eleição. Apresentado o discurso de posse à presidência da Academia, Medeiros e Albuquerque, então presidente, vetou-o pela linguagem cáustica e menções afrontosas a dois acadêmicos, Oliveira Lima e Afrânio Peixoto que, antes da votação, tinham chamado Emílio de boêmio e desregrado.

E ficou a “queda de braço”: nem Emílio mudava os termos do discurso, nem Medeiros e Albuquerque lhe dava posse.

Por essa ocasião muito se dispersara a chamada roda literária do Bilac. Alguns se casaram e se afastaram da Confeitaria Colombo; outros, como Bilac, viajavam constantemente e, ainda outros, faleceram, como Guimarães Passos, José do Patrocínio e Aníbal Teófilo, este assassinado por Gilberto Amado, em 1915, no hall do elevador do prédio do Jornal do Comércio, após uma reunião da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras.

Emílio passou a ir, frequentemente, à São Paulo, onde foi muito festejado pelos meios literários, notadamente pelo Centro Acadêmico 11 de agosto, da Faculdade de Direito, publicando seus poemas na imprensa local e ativamente no “O Pirralho”, revista dirigida por Oswald de Andrade.

Em fins de 1917, já muito combalido pelo diabetes e insuficiência renal, publicou seu quarto livro, “Últimas Rimas”, reunindo poemas anteriormente publicados e outros inéditos, como “Melancolia”, soneto escrito nessa fase.

Pelos males e pelas desventuras,
Com que o destino nos foi tão cruel,
Procuramos em nossas mútuas juras,
Atenuar o travor do nosso fel.

Antefruindo, além, horas futuras,
No calmo gozo de um ideal vergel,
Esquecemos passadas amarguras,
O beijo impuro ou a carícia infiel.

Mas por sofrer ainda os vis apodos
Dos que não me conhecem o sofrer,
Vivo a fingir audácias e denodos.

Pensam, ao ver-me o alegre parecer,
Que tenho o riso que ambicionam todos,
Em vez do pranto que não quero ter.

Emílio de Menezes era tido pelos seus contemporâneos como o homem mais alegre e divertido de seu tempo. Aqui, cabe aflorar a segunda controvérsia: os sonetos líricos de Emílio, calcados no tema da morte, e aqueles da fase final de sua vida, revelam uma personalidade diversa da qual exprimia em sua poesia alegre? João Luso e Humberto de Campos sustentam que a alegria esfuziante do poeta não era tanto um reflexo de sentimento, mas, sim, uma conquista da vontade, uma necessidade de ser alegre e de fazer rir para esconder a amargura de se sentir descontente consigo mesmo.

No início de 1918, a sua saúde se agravou de modo acelerado. A maior parte do tempo ficava preso ao leito na sua casa da Rua Major Ávila, na Tijuca. Visivelmente deprimido, ainda fazia blagues para os amigos que iam lhe visitar. Como perdera 50 quilos, afirmava que os vermes, no cemitério, dele esperavam 120 quilos de banha, mas só iriam receber 70 quilos de ossos.

Pressentindo o fim, em 24 de abril de 1918 solicitou a Medeiros e Albuquerque que lhe desse posse na Academia, independentemente de qualquer formalidade, no que foi atendido de imediato.

Faleceu lúcido em sua casa em 06 de junho do mesmo ano, com 52 anos, de uremia, não antes de se reconciliar com seu filho Plauto Sebastião que fora visitá-lo na véspera do falecimento, a pedido de D. Rafaelina de Barros.

Os meios literários do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e de vários estados brasileiros prestaram-lhe inúmeras homenagens. Diversos poetas escreveram-lhe poemas fúnebres. Dentre eles, vale transcrever o soneto de Bastos Tigre, de título “Sobre o túmulo de Emílio de Menezes”, publicado na seção dos Pingos e Respingos do Correio da Manhã:

Poeta amigo, alcançaste a estância derradeira.
Passaste. E todos nós, vendo-te em teu caixão,
Indagamos: - e a Musa ? e a Musa galhofeira?
E a satírica e a séria e a triste, onde é que estão?

Nem uma apareceu à tua cabeceira.
Mas não a condeneis, pulcro espírito, não!
Fugiram por te ver, da negra cova à beira,
Sem te poder valer, sem te dar salvação.

E Morreste. Alma boa, alma pura, descansa
Neste – sabe-lo tu – misterioso lugar
Em que o “Nada” final sobre o “Tudo” se lança –

E eu me fico a sorrir, tristemente, e a pensar
Que é “mais uma do Emílio”.... a animar a esperança
De que vives ainda e que estais a brincar ...

Em 11 de agosto de 1927 os restos mortais de Emílio de Menezes foram transladados para o Cemitério Municipal de Curitiba por autorização de D. Rafaelina de Barros.



LITERATURA DE CORDEL

Súmula da palestra proferida na noite de 15 de outubro de 2009
pelo Acadêmico Joaquim Eloy Duarte dos Santos
titular da cadeira nº 24, patrono Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos,
na “Casa de Cláudio de Souza”.

É literatura o cordel? Os versos e cantares representam apenas manifestação literária ou folclórica regional? Como assimilar e assinalar a simbiose cordel-literatura? As origens históricas demonstram o quê? Existe uma base sólida para definição ou a forma, o ritmo, o conteúdo, a metrificação, por si só, definem cordel como poesia?

Tenhamos calma, sem açodamento. É, sim, o cordel, manifestação literária dentro do talento global que define o exercício do escrever; possui um conteúdo literário, poético, artístico. E assim é. Como fica sendo. E fundas são as raízes como literatura que o tempo respeita e imortaliza.

Narizes empinados de distanciamentos pessoais antigos, têm menosprezado o cordel, taxando-o no desdém de arte menor, poesia popular e por aí. No que mente a razão social. A poesia do cordel é poesia no seu estilo, concepção, apresentação, talento; literatura, por final.

Diante de tais considerações, para enobrecer a arte cordelista, deixemos de lado as rotulações porque de rótulo a humanidade se entope desde as refregas com os dinossauros. E ninguém sustente a bula inteligível de literatura popular ou arte popular, redundância das redundâncias. Tudo é popular porque do povo vem, que ele produz e sustenta, não importam adesivos explicativos, é povo e como tal vive e de tal forma morre.

Poesia popular, arte popular, música popular, tudo rótulos para apenas uma verdade: produção humana do vocábulo que a todos define: povo.

Desta forma, cordel é um estilo de manifestação poética dentro dos demais estilos. O povo que retira do chão áspero os cantares de esperança é povo como o virtuoso do rico atritar ou dedilhar das cordas de um instrumento musical. Como exemplo:

“Vou contar pra voscicês / um fato qu’assucedeu / se houver mentira sobrando / o mentiroso não fui eu... / Mas é lei da natureza / quem conta junta um sabor o mais que a gente acrescenta / é tempero de cantador...” – canta o cordelista nas feiras, nas praças, nos palcos. De grande verdade. Afinal, a vida se desenrola sob os fatos, que forjam os temas das histórias que se apagam ou ficam na memória à disposição do futuro, que vem entrando na gente e tomando o lugar da nossa vida.

O cordel brasileiro promana da tradição ibérica dos cantares do romanceiro e agasalha origens brasileiras e africanas. O Nordeste é o solo, o cenário da descoberta pelo seu ambiente sócio-cultural, pelo jeito de ser e existir.

Começou oral através do cantador, criando uma obra

feita, ora um repente, um improvisado ou duelo de trava-línguas.

Chega-se à perpetuidade, ao registro pelo veículo de maior empatia: o folheto impresso em papel vagabundo, em prensa manual apertada junto às painéis, no canto do barraco; ou menos rústico, com papel mais encorpado e saído de impressoras ranhetas de ferrugem; ou interpretado no arremedo do sotaque e do exagero de contrações faciais, nas ruas, sob cantorias, desafios, pejeiras, sem que os contendores saiam para a briga física, mantendo-se no elevado desafiador de temperanças, alguns segurando peixeiras prontas para o corte das entranhas do desafiante. E sabem todos que a peixeira do cordel é a língua fina, o mote bem explorado, o desafio arrepiante da macheza.

O folhetinismo cordelista tem seus cânones em apresentação tradicional através dos romances e novelas, contos maravilhosos, estórias de animais, anti-heróis, metamorfoses, tradição religiosa e biografias. Os temas mais comuns são as circunstâncias ou acontecidos na natureza física, fatos de repercussão social, cidade e vida urbana, crítica e sátira e o elemento humano. Por fim, deitam-se os autores em sagas, que surgem ao sabor dos acontecimentos locais ou nacionais, tangendo cordas melodiosas esticadas nas praças, no enaltecer de figuras e acontecimentos como Getúlio Vargas, Antônio Conselheiro, Lampião, Padim Ciço, Antônio Silvino, Tancredo Neves, Carlos Magno e, sem dúvida alguma, é o ciclo do cangaço, por sua identidade social, o mais cantado no cordel. Afinal, o cordel é o jornal ou veículo do registro histórico e cultural dos tipos étnicos regionais.

A riquíssima produção literária do cordel tem saga e grande expressão nestes ciclos, que permanecem. Alguns deles: o *heróico*, romances épicos e trágicos, o *fantástico*, as gestas do cangaço, os heróis e anti-heróis; o *messiânico*, como o sebastianismo em Canudos, “Padim Ciço”, Frei Damião; o *mitológico*, com relatos das divindades gregas sob apego ao sobrenatural, que é constante na produção do cordel enriquecido pelo folclore brasileiro sempre presente por seus maravilhosos seres; o *demonológico*, com temas evangelizadores e missionários em luta contra os demônios e os seres maus e perversos do largo imaginário popular; o *social*, versando sobre a vida cotidiana, biografias de encômios; o *político*, com os fatos correntes da política nacional e, até, internacional; e os *humorísticos*, onde a verve nordestina extravasa sua riqueza e inteligência singular.

A Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro possui grupo de estudos do cordel e o mais importante acervo da produção que existe no país; seus pesquisadores têm classificado a obra global sob as temáticas básicas: herói humano, herói singular, herói casal, herói animal, herói sobrenatural, herói metamorfoseado, anti-heróis, boi e cavalo, miscelânea, lírica, guerra crônica, mitologia, reportagens de crimes, desastres, catástrofes, acontecimentos políticos, natureza, religiões, ética, sátira social, sátira econômica, humorismo, exaltação, moralizante, pelepas, ciclos, valentes, e por aí vai.

A literatura desses sertões de seca e fome, também é manifestada pela exibição artística, a cantoria sob acompanhamento de talentosos instrumentistas, como a embolada, a glosa, o martelo, o martelo agalopado, o martelo miudinho, o galope à beira-mar, a sextilha, o mourão, a oitava, a carretilha, o você cai, o dez pés lá vai, o gabinete, o soletrado, em exibições pessoais nas feiras e nas ruas ou em pelepas de desafio.

Os versos são apresentados sob 4 tipos: 5, 7, 10 e 11 sílabas que podem ser em 2 redondilhas: a maior e a menor; utilizam o decassílabo de corte especial e o hendecassílabo de arte maior, caracterizados em verso em pé, grupo de versos e estrofe, a mais comum composição.

Carlos Drummond de Andrade amava o cordel. Combateu em crônica na imprensa (Jornal do Brasil, 21 de agosto de 1982) a definição de cordel mantida em importantes dicionários, que afirmavam “literatura popular de pouco merecimento”. Drummond diz: *“O valor literário dessas criações já não se discute, como expressão do engenho, da sensibilidade e da imaginativa de um segmento da população que não teve acesso aos padrões convencionais da cultura livresca, mas que, ainda assim, revela os seus dons. Expressão “de cordel” não é mais pejorativa”*.

Ainda Drummond, em outra crônica, falando da expansão além nordeste da Literatura de Cordel, afirma: *“Os poetas populares, com toda a força, integraram-se na sociedade brasileira e passaram a ocupar espaço cultural nas grandes cidades”*.

Ariano Suassuna, com sua autoridade de pesquisador nordestino encontra as raízes da arte cordelista: *“é uma espécie de ponte de ligação entre as tradições mediterrâneas e o povo brasileiro”*.

O cordel, ninguém duvida, reflete a problemática social do homem nordestino e a observação do universo que o cerca. Essa afirmativa justa e correta, confesso que não sei de onde tirei ou se, quem sabe, veio da minha inspiração.

A manifestação autêntica corre, no Nordeste, por duas vertentes: a *oral*, com expoente em Chico Nunes das Alagoas, que criava os versos, enfrentava os repentes no improviso de raro talento, com alguns registros em apontamentos de admiradores e que o grande Mário Lago immortalizou em belíssimo livro; e a *impressa*, os chamados



folhetos com capa em xilogravura, em tudo rústico, em papel ordinário, tipo manilha para embalagens, encadernados em dobraduras e pendurados em barbantes nas praças e esquinas sob apregoado dos autores. Eis, por aí, o cordel, de corda, cordão.

Afirma-se que o cordel é o jornal do Nordeste e que os folhetos são esperados como o jornal diário. Muita verdade. Com efeito os cordelistas ficam atentos aos noticiários e, de imediato, cantam em versos os acontecimentos. Nas roças distantes, onde a notícia demora ou nem chega, é o folheto de cordel que diz ao caboclo: morreu fulano e sicrano, mudou a política e etc-e-coisa-e-tal. E, no dizer bem adequado “o cordel é o best-seller do povo”, que não lê maçudos livros mas que devora aquele mágico agrupamento de estrofes com métricas e rimas perfeitas, no estilo da fala e na linguagem do povo de pouca alfabetização.

Tive o privilégio e a honra de trazer a Petrópolis o maior dos poetas cordelistas do País, o insuperável Rodolfo Coelho Cavalcanti, em palestra na Academia Petropolitana de Letras. Na tarde de 26 de abril de 1979, foi recebido na Universidade Católica de Petrópolis para realizar sua palestra no salão nobre, com grande comparecimento e entusiasmo. A Academia Petropolitana de Letras outorgou-lhe a honraria de Acadêmico Correspondente, fato que foi destacado nacionalmente.

Em nossa Academia de Poesia tivemos um acadêmico poeta cordelista titular, o notável e inspirado Elias Alves de Carvalho. Ocupou a cadeira nº 16, patrono o poeta Décio Duarte Ennes. O seu ingresso na Academia de Poesia ocorreu no dia 25 de maio de 1984 e foi um acontecimento nacional, mobilizando os cordelistas do País no abraço e no orgulho do reconhecimento da arte por uma instituição de letras.

No século XXI, com a globalização que encurta as distâncias e amplia os conhecimentos, que tem na comunicação instantânea a revelação verdadeira do conceito de criatura humana, que define o espaço único apenas dividido por rotulações e comportamentos políticos, a literatura de cordel continua sendo a demonstração mais forte da cultura nordestina, porém sob alguma sofisticação e editorada em maquinário industrial, ganhando as praças de todo o país e adeptos do Oiapoque ao Chui.

Porém, ainda existe a teimosia sertaneja da autenticidade e muitos ainda estão na fase do rústico talentoso.

Infelizmente, as políticas para o Nordeste estão criando uma preguiça no povo, diante das benesses a ele conferidas em pacotes e cestas, inibindo o trabalho, a criatividade, o desejo do autêntico e acenando para todos com as velhas promessas de sempre, agora corporificadas em um quilo de arroz, um de feijão, farinha e carne-seca, cestas básicas, salário isso e aquilo, não sendo os tostões mais conquistados com a cantoria e a venda do folheto, mas trazidos nos caminhões do governo sob embalagem eleitoreira.

E aí, o talento descansa a viola e a sanfona, deixa a balinha de hortelã de lubrificação da garganta, abandona a caneta esferográfica e fica na pachorra da novela das oito ou no computador das imagens e dos textos. O enxurro global penetra a epiderme regionalista, altera o seu DNA lúdico-realista de criatividade, enterra Lampião, Maria Bonita e Padim Ciço nas necrópoles mundiais dos obamas e putins, nesta globalização epitáfio da outrora ingênua-pretensiosa-reformadora-brilhante poesia sertaneja.

ABELARMO ROMERO, (Homenagem de seu filho)

(13.06.07 - 17.03.79)

Palestra proferida em 16.07.09
pelo Acadêmico Angelo Romero

Seria quase impossível, para mim, palestrar sobre Abelardo Romero, se não fosse minha mãe Annunziata que, em 1947, quando eu estava com 12 anos, precisamente no dia 21 de julho, uma segunda-feira, começou a organizar para mim o que denominou “Álbum de Família”. Com a ajuda desse precioso álbum pude preparar um roteiro com os mais importantes textos e fotos sobre meu pai.

Abelardo Romero é meu assunto diário. Não me lembro de ter passado um dia sequer de minha vida sem falar sobre ele. E não poderia ser diferente, por tudo que foi em nobreza, honradez e talento. Foi ele um renomado profissional, aclamado poeta e generoso pai, amigo e, principalmente, por tudo que sou graças aos genes, seus conselhos e bons exemplos.

Não costumo generalizar, mas creio que todo poeta ama as mais diversas expressões artísticas. Abelardo foi além: não só amou como foi profundo conhecedor de todas elas – ópera, balé, música clássica e popular, teatro, cinema, pintura, escultura, poesia e literatura de um modo geral. Além de sua sensibilidade, penso que o fato de dominar seis idiomas foi fundamental para sua ampla formação artístico-cultural. Creio que dentre tantas artes, poesia, teatro, cinema e música popular, nesta ordem, eram as suas preferidas. Talvez por isso tenha elegido para ídolo Charles Chaplin que, como gênio que foi, agregou todas as artes num só corpo.

Abelardo Romero nasceu em 13 de junho de 1907, dia consagrado a Santo Antônio, na Rua da Estância, numa humilde casa que também servia como telégrafo para a cidade de Lagarto, Sergipe. Seu pai, Etelvino Dantas, era o telegrafista. Abelardo sempre foi bom estudante e desde cedo mostrou vocação para poesia e para as letras de um modo geral... Logo passou a colaborar com o jornal local e também com os jornais da Capital. Assinava matérias diversas e publicava seus poemas. No início da década de 20, surgiu o movimento modernista da poesia e Abelardo foi um dos precursores. Seus poemas chamaram tanta atenção que logo foi convidado, ao lado do colega e amigo José Maria Fontes, a apresentar uma audição poética no principal cinema de Aracaju, perante um seletor público pagante. De repente, percebeu que o estado de Sergipe já não comportava sua arte. Precisava expandi-la no Rio de Janeiro,

então capital do país. E tudo veio a calhar, já que Etelvino, seu pai, foi transferido para a repartição dos Correios e Telégrafos do Rio. A família mudou-se para o Rio de Janeiro em fins da década de 20.

Como todo o início de um interiorano na Capital do país, o seu também foi difícil. Enquanto não conseguia colocar-se como jornalista – sua grande meta – exerceu as mais diversas atividades profissionais, inclusive lecionando francês e inglês no tradicional Colégio Pedro II. E, enquanto trabalhava para se manter, preparava seu primeiro livro de poemas, fato esse que aconteceu em 1932. “Trem Noturno” recebeu eloquentes elogios dos mais consagrados críticos de várias partes do mundo, tendo sido saudado por Le Gentil, na França e Marinetti, na Itália, entres outros. Em 1933 foi nomeado fiscal de jogo de azar para trabalhar em cassinos, e em 1936, três meses após ter se casado, foi demitido por perseguição política.

Com sua vasta cabeleira negra, “a la Castro Alves”, sua verve e elegância, não foi difícil para Abelardo conquistar o coração de Annunziata, uma pernambucana de passagem pelo Rio, durante o carnaval de 1934. A moça estava fragilizada. Seu pai, Dr. Layette Lemos, viera a Rio para se tratar de um grave problema no aparelho digestivo, com seu competente e famoso amigo: Dr. Pedro Ernesto. Um exemplar de “Trem Noturno” com uma dedicatória romântica ajudou o ato de sedução e a aprovação de Layette ao jovem poeta, caiu como decisiva benção para a união do casal. Meses depois do falecimento do avô que não conheci, meus pais casaram-se ao meio-dia de uma segunda-feira, 20 de junho de 1935. Os dois primeiros anos de casados foram muito problemáticos. Moravam num quarto de pensão na Tijuca. Annunziata logo engravidou, e Abelardo, desempregado, teve que abandonar o curso de direito já no terceiro ano. Não tendo como pagar o aluguel da pensão, meus pais foram morar com meus avós paternos. Poucos meses depois, em cinco de julho de 1936 eu nasci.

Enfim, no início da década de 40, os bons ventos passaram a soprar e Abelardo conseguiu empregar-se duplamente: como repórter do jornal “O Radical”, e como funcionário público do Distrito Federal, na função de fiscal de cassinos. Além do “O Radical”, trabalhou nos jornais “Imparcial”, “Diretrizes”, “A Notícia” e na revista “Panfleto”. Por último foi contratado como cronista para trabalhar no “O Jornal”, órgão líder da cadeia associada de jornais, revistas,

emissoras de rádio e televisão, do mais importante jornalista e poderoso empresário de comunicação do Brasil: Assis Chateaubriand.

Em seus trinta e quatro anos como jornalista Abelardo Romero recebeu duas grandes honrarias: em 1950, foi agraciado com a medalha “Campanha do Atlântico”, devido às matérias que escreveu sobre nossa participação na segunda guerra mundial e em 1954, com a medalha “Anchieta”, em virtude da matéria que escreveu sobre o quarto centenário da chegada do padre Anchieta à Bahia.

Apesar da boa qualidade do fumo que produz, Lagarto sempre foi e continua sendo uma cidade pobre e pequena, mas pode orgulhar-se de ter sido berço de homens ilustres como Sylvio Romero, quem melhor escreveu sobre a literatura e o folclore do Brasil. Sua obra é de expressivo valor. Viu nascer Joel Silveira, um dos maiores repórteres de nosso país e o melhor correspondente de nossa participação na Segunda Guerra Mundial e Abelardo Romero, um dos principais cronistas políticos do Brasil que, ao lado dos colegas Carlos Drumond e Manuel Bandeira, entre outros, foi precursor da poesia moderna.

Curiosidade como tradutor: Em virtude de dominar seis idiomas, Abelardo Romero foi contratado como tradutor da Editora “Vecchi” na década de 40. Entre os diversos livros que traduziu, destaca-se o romance “Falso Testemunho”, do consagrado autor norte-americano Irving Stone.

Curiosidade como novelista: Na década de 50, Abelardo Romero foi contratado para escrever novelas para a Rádio Tupy do Rio, emissora integrante da Empresa Diários Associados de Assis Chateaubriand. Como sempre considerou novela de Rádio e depois de Televisão como obra de baixo valor literário, preferiu usar pseudônimo para assinar seus trabalhos.

Curiosidade como empresário de comunicação: Associado a alguns colegas jornalista, Abelardo criou a revista “Resenha”, de circulação mensal que procurava, como dizia o nome, apresentar um resumo dos principais fatos políticos, culturais e artísticos do mês. Depois de imprimir três números, a revista foi tirada de circulação em virtude do título “Resenha” ter sido anteriormente registrado por outro grupo jornalístico em “Marcas e Patentes”. Endividados e desiludidos, ele e seus colegas resolveram desistir do empreendimento.

Curiosidade como funcionário público: Como já citei acima, Abelardo Romero foi admitido em 1933 com fiscal de jogos de azar, para trabalhar em cassinos e demitido em 1936 por perseguição política, já que seu tio Edgard Romero fora Ministro do Tribunal de Contas da União. Anos depois foi readmitido e, no Governo do General Eurico Gas-

par Dutra, os jogos de azar foram proibidos no país, sendo ele e os demais fiscais demitidos do serviço público, ao invés de readaptados para outras funções. Uniram-se e moveram ação contra a inconstitucional medida do Governo e, treze anos depois foram reintegrados. Como o jogo continuava proibido, como até esta data ainda está, Abelardo Romero foi readaptado, cumpriu seu tempo na função pública e aposentou-se como fiscal da Renda Mercantil. O fato de ter falecido pobre já seria suficiente para comprovar seu caráter, honestidade e lisura em toda a sua vida e, principalmente, na função de fiscal. Entretanto, um acontecimento comprovado por testemunhas oculares, solidificaria sua integridade. Abelardo fora colega de redação de Carlos Lacerda. Tempos depois, eleito Governador do então Estado da Guanabara, Lacerda mostrava não confiar apenas na última informação capaz de finalizar cada processo para despachá-lo com um deferimento, ou indeferimento. Procurava ler as informações anteriores para dar o parecer final. Num determinado dia, ele assinou após ler apenas a última informação. Esta atitude inusitada chamou a atenção de seu assistente direto que o questionou: O senhor indeferiu sem tomar conhecimento das informações anteriores. Por quê? Ao que Lacerda respondeu: Se Abelardo Romero sugeriu indeferimento, o processo está indeferido. Eu o conheço bem. Abelardo foi uma dos homens mais honestos que conheci. Só lamento não ter ainda recebido uma visita dele aqui no palácio – conclui o Governador. Uma das testemunhas, telefonou para ele imediatamente contando o ocorrido. “Não o visitei, nem o visitarei. Não votei nele” – foi a resposta de Abelardo Romero.

Obra poética: Depois de ser saudado pela crítica nacional e internacional com “Trem Noturno”, seu livro de estréia em 1932, Abelardo Romero publicou, em tradução, “Vozes da América”, em 1941, uma antologia da nova poesia norte-americana, “As Rosas e o Relógio”, em 1949, “A Musa Armada”, em 1953, “Exílio em Casa”, em 1955, “O Passado Adiante”, em 1974. Em 1978, como se estivesse se despedindo não só do Rio de Janeiro, como da própria vida, ele publicou o que seria seu derradeiro livro de poemas: “Visita ao Rio”.

Um ano antes, em 1977, eu o visitei em seu sítio em Lagarto, sua terra natal. Na ocasião, ele me revelou que estava trabalhando, simultaneamente, em cinco livros de poemas e mostrou-me os originais. Após seu falecimento, Maria Amélia, sua segunda mulher, teve a gentileza de me entregar esses originais. Em 2007, quando Abelardo completaria o centenário, publiquei, por conta própria, “Solo de Berimbau”, um dos cinco originais inéditos, como forma de homenagem póstuma e a tão importante data.

Abelardo Romero e Chateaubriand: Em 1948 Abelardo foi contratado para trabalhar como repórter no “O Jornal”, órgão líder dos Diários Associados” a maior empresa de

comunicação do país, comandada por Assis Chateaubriand. Logo passou à função de cronista e, em seguida, secretário do jornal. Entretanto, nunca almejava tal cargo, apesar de sua importância, porque sempre evitou manter contato direto com Chateaubriand, cujo modo de tratamento extremamente íntimo e muitas vezes desrespeitoso com seus funcionários, Abelardo desaprovava. Quem conhece a função de secretário, sabe que toda e qualquer matéria publicada passa a ser de responsabilidade de quem exerce a função. Chatô, como era conhecido, costumava fazer amigos e inimigos durante as madrugadas. Para transformar um amigo em inimigo, bastava ser levemente contrariado. Esta alternância de comportamento era por demais perigosa. Se uma matéria elogiosa fosse escrita e publicada momentos antes de um desses rompimentos, desconhecido na redação do jornal, pobre do secretário que a deixara publicar. Porém, acabou aceitando o cargo, para substituir seu amigo Samuel Wainer, a pedido deste. Samuel, ao entrevistar o ex-ditador Getúlio Vargas em sua fazenda no interior do Rio Grande do Sul, conseguiu dele uma alta soma de dinheiro para fundar seu próprio o jornal “Última Hora” no Rio e em São Paulo. Precisava se ausentar do país para comprar o maquinário e Chatô não poderia saber. Inventara uma grave doença para se afastar e Chatô dispôs-se a financiar seu tratamento mas impôs o nome de Abelardo Romero, afirmando ser o único em quem confiava para substituí-lo. Diante de tal circunstância, mesmo sabendo que Samuel jamais retornaria ao “O Jornal”, para atender ao apelo do amigo, Abelardo acabou por aceitar. No entanto, ao aceitar, sua maior preocupação foi a de preparar um jornalista para a função, assim que a bomba da notícia da implantação do jornal “Última Hora” explodisse. Atuou por vários anos como secretário, contra a sua vontade, até convencer Chatô de que já tinha um jornalista pronto para substituí-lo e que era seu desejo, irrevogável, voltar a função de cronista. Este substituto, cujo nome prefiro não citar, tempos depois apunhalou meu pai pelas costas num indigno ato de traição. Talvez por insegurança e medo ser destituído do cargo, via em Abelardo, sua eterna sombra e arquitetou um plano. Certo dia, os gráficos resolveram fazer greve por falta de pagamento e o jornal não saiu. Neste dia Abelardo trabalhou normalmente escreveu e assinou sua coluna e foi visto na redação por todos os colegas e funcionários da empresa. No dia seguinte, ao chegar, não encontrou seu cartão de ponto. O Departamento de Pessoal alegou que ele havia sido demitido por justa causa por ter sido solidário com a greve dos gráficos e não ter ido trabalhar.

Foi uma luta de David, contra Golias: Abelardo Romero moveu uma ação judicial contra os “Diários Associados”. Nas primeiras audiências ele pode contar com um grande número de testemunhas a seu favor. Com o correr do tempo, ameaçadas de perder o emprego a maioria das testemunhas desapareceu. O caso se arrastou durante anos e bastaram duas testemunhas, que arriscando o emprego,

ficaram ao seu lado até o fim, para que a Justiça lhe desse ganho de causa: os jornalistas Milton Senna e Borba Tourinho. Creio que vencer o poderoso Assis Chateaubriand, tenha sido sua maior vitória em vida.

O historiador e biógrafo: Abelardo Romero publicou em 1960 “Silvio Romero em Família”. Em 1967 publicou um de seus mais importantes livros, “A Origem da Imoralidade no Brasil”. Em 1969, por conhecer fatos dos mais pitorescos da vida pública e privada de quem foi seu último patrão na imprensa e já com Assis Chateaubriand mortalmente enfermo, publicou “Chatô, A Verdade como Anedota”. Em 1970, publicou “Heróis de Batina”. No entanto, em nossa última conversa ele me revelou que estava trabalhando no que considerava seu mais definitivo livro, “Limites Democráticos do Brasil”. Faleceu sem poder concluí-lo. Parece que, recentemente, este livro foi terminado por seu filho Abelardo Romero Junior e que até dezembro de 2009 sairá publicado.

O teatrólogo: Abelardo Romero escreveu na década de 50 sua única peça teatral: “Emanuel” e deixou comigo os originais. Ao reler o drama, mais de vinte anos depois, percebi que estava defasado. Na minha última visita a Lagarto, em janeiro de 1977, levei os originais e fiz várias sugestões para atualizar o texto. Meu pai gostou e as aceitou na íntegra. Trabalhei muito tempo no texto e quando fiquei satisfeito com o resultado, recebi a notícia do seu falecimento. Obedecendo a maior parte do texto original, principalmente o desfecho e acreditando que teria sua plena aprovação, promovi uma leitura dramatizada da peça, em meu teatro com grande sucesso. O acadêmico: O Estado de Sergipe, através da “Academia Sergipana de Letras”, reconhecendo o grande valor literário de Abelardo Romero, ilustre filho da terra, o elegeu imortal. Inexplicavelmente esquecido no Rio de Janeiro, terra em que viveu, produziu, amou e construiu a maior parte de sua vida, pôde ele receber, ainda em vida, essa honraria como forma de compensação por um esquecimento irreparável. E meu pai costumava me dizer: “Meu filho, hoje só tenho um dia por mês em que me sinto recompensado, é quando vou a Aracajú para o Chá da Academia”.

Abelardo Romero e seus amores: Vinicius de Moraes escreveu – “O amor é eterno enquanto dura”. Mais que um poema, é uma profecia. Não acredito em poeta de uma só paixão, porém, também creio que sempre irá existir uma que superará as demais. Meu pai casou-se com minha mãe levado pela admiração e, porque não dizer, pela paixão, também. Entretanto, a vida em comum entre os dois foi por demais desgastante devido a diversos problemas financeiros, familiares e estruturais. Não existe amor, nem mesmo paixão que resista por muito tempo diante de tantos desencontros. O desgaste é inevitável. Papai buscou em pequenas e inconsequentes aventuras, minorar os desencontros, como quem procura se exercitar, ganhar fôlego, para o

vôo maior. Em fins da década de 50, num desses vôos experimentais ele acabou pousando em terreno acidentado, mas de profunda afinidade. O que costumamos classificar como “alma gêmea”. Digo acidentado porque o fruto de seus desejos era uma jovem solteira, de tradicional família, cuja integridade moral não lhe permitia levar avante um relacionamento com um homem casado, já que ainda não existia no Brasil a lei do divórcio. Porém, por um determinado período a paixão é capaz de cegar, e cegando prolonga o relacionamento, mesmo sabendo que os dias serão contados e que a razão superará a emoção. Apaixonado, publicou em 1953 “As Rosas e o Relógio”, dedicando à Débora o poema de abertura. Mais que o poema, suas atitudes o traíram e sua mulher pode descobrir a quem o livro fora dedicado. Foi um escândalo! O livro foi retirado das livrarias. Débora era imagem poética, e Esmeralda Ferraris, na verdade, incorporou a imagem. Seu verdadeiro nome minha mãe jamais conheceu. A brasa arrefeceu, mas jamais se apagou. Não me lembro precisamente do ano, mas creio que foi em 1956 que finalmente Abelardo deixou a casa, para surpresa minha que ainda engatinhava na poesia e nos seus efeitos. Apaixonara-se por Maria Amélia, sua prima e com ela teve três filhos, que amo e considero meus irmãos: Abelardo Jr. Leonila e Patrícia. Não suportando o peso das despesas com duas famílias, aposentado apenas do Serviço Público, mudou-se para Lagarto, Sergipe, sua terra natal e foi morar na zona rural, num pequeno sítio cedido por seu primo Zeca, pai de Maria Amélia. Tal separação, tratando-se de um caso amoroso de um homem casado, com uma prima, gerou um tremendo mal estar na família. Creio que fui a maior vítima, pois embora já tivesse vinte anos de idade, ainda não me sentia preparado para a vida.

Falecimento de Abelardo Romero: Vítima de um devastador câncer, mesmo mal que havia ceifado a vida de seus pais, Etelvino e Maria, conhecida como Santinha, veio a falecer em Lagarto, nos braços de Maria Amélia, sua segunda mulher, em 17 de março de 1979.

Paixão maior: Hoje, mais que nunca, acredito e aceito que Débora (Esmeralda Ferraris) foi sua maior paixão. Talvez por não ter sido completada, já que a intimidade gerada sob o mesmo teto costuma corroer o amor. Não é uma teoria. Tomo como base as grandes paixões da história da humanidade que, por um motivo, ou outro, foram eternizadas, apenas, no plano espiritual. Não há desgaste no espírito. Débora, como me acostumei a chamar, manteve contato com ele sempre que voltava ao Rio. Acompanhou, de longe, seu sofrimento no leito de morte, e com ele contactou através de telefonemas, até seu derradeiro suspiro. Meu pai foi o homem, dentre todos que conheci que mais amou a vida. E a prova disso está no seu mais notável poema, “Ode a um cajueiro”. Não foi dedicado a nenhum de seus amores. Inspirado, talvez. Mas dedicado à natureza, a um ser vivo, fincado na terra, plantado por seu avô. Para seu mérito, bastaria este poema que creio qualquer poeta da língua portuguesa assinaria:

Cajueiro, cajueiro,
velho cajueiro em flor,
que afundas tuas raízes
na frouxa terra cansada
em que vovô te plantou.
Quando nasci, já eras velho
e florescia na terra
onde vovô descansou.
Todo janeiro floresces;
eu todo junho envelheço.
Nosso destino é avesso
mas igualmente tristonho:
tu não comes de teu fruto,
nem eu vivo de meu sonho.
Cajueiro, cajueiro,
velho cajueiro em flor.
Nenhum de nós é feliz —
Vivemos presos à terra
em que vovô nos plantou —
Tu preso pela raiz;
eu preso por meu amor.
Cajueiro, ó cajueiro,
velho cajueiro em flor.

Homenagens póstumas: Após sua morte, a Prefeitura de Lagarto batizou o colégio local como Colégio Municipal Abelardo Romero. Eu, aqui em Petrópolis, com os poucos recursos que dispunha, construí nos fundos de minha casa, em 31 de dezembro de 2003, o Centro Cultural e Teatro Abelardo Romero. Uma homenagem tão modesta, quanto sincera.

Centenário de Abelardo Romero: Em março de 2007, para comemorar o centenário de papai, inaugurei oficialmente o teatro com uma comédia escrita e dirigida por mim: “A Coroação de Miss Coroa”. Aracaju homenageou a data através da Academia Sergipana de Letras. Mas foi em Lagarto, sua terra natal que, com a indispensável e prestimosa supervisão de Patrícia Dantas Romero, minha irmã caçula, literata entre os filhos de sua segunda união, que a comemoração foi coroada de maior brilho através de exposição de farta matéria e grande show teatral: balé, declamação e música, no palco do Colégio Municipal ao qual Abelardo Romero empresta o nome.

Um novo Nostradamus: Eu deveria ter uns três anos de idade quando papai leu no “Paris Match”, famosa revista francesa, que um novo Nostradamus havia surgido em Paris e que jamais falhara em suas previsões. Dizia mais a reportagem que qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo que desejasse saber a respeito de seu futuro, bastaria escrever para o tal senhor, enviando seus principais dados pessoais. Muito cético, resolveu escrever por pura curiosidade. Quando recebeu a resposta, meses depois, ainda estava apaixonado por sua mulher. Divertiu-se muito à vista das previsões. Garantia o pseudo Nostradamus, que ao chegar à metade de sua vida, ele se

depararia com uma encruzilhada. Se optasse por uma delas, teria todo o destino modificado profissional e sentimentalmente: teria uma nova união e mais três filhos, perderia seu principal emprego e mudaria de cidade. Dizia mais o vidente que próximo de sua morte ele estaria escrevendo as últimas folhas de seu mais importante livro e se ultrapassasse determinada data, teria uma sobrevida que lhe permitiria a conclusão da obra. Como tudo aconteceu exatamente como a carta previu, ele, em seu leito de morte, vivia a perguntar a todos, repetida vezes, em que dia estava no mês. Faleceu dias antes da tal data determinada. Quando a família devolveu a cama para o hospital local, encontrou a tal carta entre o colchão e as molas e foram procurar, na cidade, um tradutor de francês. Creio que este foi o fato mais impressionante da vida de Abelardo Romero, meu pai.

Considerações finais: Penso que poetas costumam ter o dom da premonição e que meu pai o tenha tido. Quando estive no Rio de Janeiro em 1958 e publicou seu derradeiro livro de poemas: “Visita ao Rio”, ele se despediu da cidade que muito amou. A despedida está explícita na maioria dos poemas. “Último Pedido” foi o título que deu a um deles: “Na infância pedi doces e brinquedos, lápis de cor e livros de gravura. Mais tarde pedi beijos, gorjetas e desculpas. Hoje, apenas levo os dedos aos lábios: Psiu... psiu... – Oh, não espante os pássaros!



Um Ser-tão dentro da gente

Palestra do Acadêmico Atualpa A. Pereira Filho
proferida no dia 16 de abril de 2009

Do que mirei e vi:

Meu dito é quase nada, um perdigoto no oceano, uma gota no lago, mas não causa fragor, pois “a água... grita a qualquer pancada que lhe dão”.

Não é nada, não é nada, não é nada mesmo. De começo, eu logo fiquei desassossegado: “– nonada.”?

“– Pois é, chefe. E eu sou nada, não sou nada, não sou nada... Não sou mesmo nada, nadinha de nada, de nada... Sou a coisinha nenhuma, o senhor sabe? Sou o nada coisinha mesma nenhuma de nada, o menorzinho de todos. O senhor sabe? De nada. De nada... De nada”. – Que cabra é esse?

“O sertão é do tamanho do mundo”. Mas que lugar é esse?

O universo nonada é que me fascina... e por sina me dei o direito de atravessar...

O que exponho aqui, de início, é uma admIRAÇÃO pela obra João Guimarães Rosa. Digo o meu antes e o meu depois de ler “Grande Sertão: Veredas” – a minha travessia...

O meu sertão era limitado ao seco, ao árido, à caatinga, ao que tange, ao que faz retirante, ao que espicha légua por um copo d'água.

Meus primeiros passos pelo sertão começaram pelos versos de João Cabral de Melo Neto. Eu pouco entendia, apenas identificava uma vida severina entre tantos severinos retirantes.

Somar ramos de graça: vi tantas árvores de talo seco, mas com raiz resistente. Na primeira gota de chuva, o verde vem como se não tivesse passado pelo que passou. Tantas vidas secas que sonham em ter um pedaço de terra em que possam plantar e ter o seu de comer...

O sertão não é rosa...

No meu antes, a rosa do sertão era só mandacaru. Mas depois que atravessei o “Grande Sertão: Veredas”, vi outros canteiros com estrume que não é bosta de boi...

Dos que vi cantando o sertão, quem mexeu com o meu de dentro foi Rosa: do mito, do místico, do medo, da coragem, da aragem, da margem, do mar-gem, do rio, da lágrima seca, do secar lágrima no rosto como o pó de estrada; o grude fica...

Quem anda pelo sertão pode identificar, na face das pessoas sofridas, a geografia da terra ressecada, ressecada, sacada; de um cada, não de cada um. A pele encarquilhada, o leito sem rio, o olho só lágrima, a correr por dentro.

O coração deságua em canto: um berrante em pena...: Qualquer gado conhece e segue o vaqueiro quando ouve o aboio que amansa a alma. Mas só quem conhece alma de bicho é que sabe chamá-lo pelo canto. Nenhum animal sente alegria quando ouve os passos de quem o maltrata. “Amar os animais é aprendizado de humanidade” – diz em “Zôo” no livro “Ave, Palavra”, Rosa.

Não há povo feliz, há povo amansado e/ou massacrado. Mas “gado manso, quando dá p'ra bravo, é pior que o bravo, porque conhece todo o movimento”. Se viver é tão perigoso, valentia é viver no seu sossego. Eu sossego quando leio Rosa...

Desendoideci, desceguei. Vi de dentro “Magma”. Não pedi. Foi o destino que me mostrou. No meu truvo, um vaga-lume. No lume deste sol sem vaga, não há risco de pororoca, nem redemoinho traiçoeiro que traga nadador.

Vaguei pelos gerais: saí do Rio de Janeiro, fui a Belo Horizonte, de lá para Sete Lagoas, depois a Codisburgo para ver a gruta de Maquiné, passei por Três Marias e segui até Pirapora. A missão a cumprir era ver de perto Manuelzão. Vi. Vivo vi. Vi vivo. É bom ter alegria do sonhado realizado pelo esforço próprio.

Na manhã do dia 5-1-97, cheguei à casa de Manuelzão, em Andrequicé. Fui bem recebido. Ruminei, num segundo, tudo que já havia pensado e lido em “Grande Sertão: Veredas” e em “Manuelzão e Miguilim”...

Manuelzão nítido. Fiquei sem pensar para que as forças ficassem só no ver. Raro momento.

A nitidez talvez seja enigma. Tudo tão claro assim a gente desconfia. Mas era Manuelzão na minha frente, apertando a minha mão, tirando o chapéu para falar de Deus, me convidando para almoçar. Comi, na mesma mesa, frango com quiabo mais gostoso da minha vida inteirinha até agora. Da realidade à ficção, a gente passa; às vezes, sem saber quem nasceu primeiro...

Fiquei muito feliz. Manuelzão me falou de Rosa, bebi cachaça na coité em que Rosa também havia bebido. Ele me mostrou a faca que carregava na cintura. Vi a arma de fogo que guardava. Movido pela ficção fui à realidade. Dessa realidade caí na ficção por um só canto, por um jeito do contar, pelo contado que li. Queria saber a história das estórias lidas...

Dei-lhe até aqui um pouco do começo. Mas acho que antes já gostava sem saber...

Quando o livro “Grande Sertão: Veredas” chegou até minhas mãos, percebi que havia outros sertões que precisam ser desbravados, principalmente este que está dentro da gente.

Às vezes eu me pergunto: - como se agradece a alguém que fez algo por você mesmo antes de você ter nascido?

Manuel Bandeira em “Rosa em Três Tempos” no livro “Andorinha, Andorinha”, organizado por Carlos Drummond de Andrade, definiu:

“Rosa dos seus e dos outros,
Rosa da gente e do mundo,
Rosa de intensa poesia,
de fino olor sem segundo;
Rosa do Rio e da Rua,
Rosa do sertão profundo!”

Nesse mesmo livro Manuel Bandeira publica a resposta que obteve de Guimarães Rosa quando lhe perguntou como ele estava se sentindo diante da “obrigação hebdomadária” de escrever “um estirão” para um jornal:

“– Começo a escrever, um mundo de coisas, idéias, imagens, reminiscências, me acodem. Escrevo cinco dez, quinze páginas. É preciso reduzir a três. Começo a cortar, começo a corrigir. Aí tomo gosto. Nunca se acaba de corrigir. O meu desejo é então continuar a corrigir até o fim da minha vida”.

“Grande Sertão: Veredas” é uma obra bem talhada, esculpida em linguagem própria. Num dizer sem igual que se entende com a alma. O dito com verdade é a vida que reitera, não carece de exemplificação, logo se identifica, pois o trigo fica bem distante do joio...

Cabe aqui citar um trecho de uma carta com data de 2 de maio de 1959, que Guimarães Rosa enviou a Harriet de Onís:

“Deve ter notado que, em meus livros, eu faço, ou procuro fazer isso, permanentemente, constantemente com o português: chocar, “estranhar” o leitor, não deixar que ele repouse na bengala dos lugares-comuns, das expressões domesticadas e acostumadas; obrigá-lo a sentir a frase meio exótica, uma “novidade” nas palavras, na sintaxe. Pode parecer crazy de minha parte, mas quero que o leitor tenha de enfrentar um pouco o texto, como a um animal bravo e vivo. O que eu gostaria era de falar tanto ao inconsciente quanto à mente consciente do leitor.”

Esse desalojamento do leitor pela linguagem é feito quando se trabalha a palavra fora do senso comum, dando a ela um outro contexto e até estabelecendo uma outra significação. A palavra é, depois do carinho, o outro caminho para se alcançar a alma humana. A Literatura, portanto, consiste nesta arte esculpida no signo linguístico. E essa definição que se tem de arte literária se constata no trabalho de Guimarães Rosa.

Em 1965, em entrevista concedida a Gunther Lorenz, Rosa afirmou:

“Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isto significa que, como escritor, devo me prestar contas de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas.”

O compromisso do escritor com a palavra tem que ser como um operário que não só ama o seu ofício, mas tem um zelo pela matéria-prima do seu trabalho.

E por identificar o trabalho minucioso de Guimarães Rosa, Graciliano Ramos afirmou:

“A arte de Rosa é terrivelmente difícil. Este antimo-dernista repele o improviso. Com imenso esforço escolhe palavras simples e nos dá impressão de vida numa nesga de catinga, um gesto de caboclo, numa conversa cheia de provérbios matutos. O seu diálogo é rebuscadamente natural: desdenha o recurso ingênuo de cortar 'ss', 'll' e 'rr' finais, deturpar reflexões, e aproxima-se, tanto quanto possível, da língua do interior.

Devo acrescentar que Rosa é um animalista notável: fervilham bichos no livro, não convenções de apólogo, mas irracionais direitos, exibidos com peladuras, esparavões e os necessários movimentos de orelhas e de rabos. Talvez o hábito de examinar essas criaturas haja aconselhado o meu amigo a trabalhar com lentidão bovina.

Certamente ele fará um romance, romance que não lerei, se for começado agora, estará pronto em 1956, quando os meus ossos começarem a esfarelar-se”.

E foi em 1956, que Guimarães Rosa publicou o único romance “Grande Sertão: Veredas”. E Graciliano falecera em 20 de março de 1953, ou seja, realmente não teve a oportunidade de ler o que prenunciara.

João Guimarães Rosa nasceu em 27 de junho de 1908. E neste mesmo ano, em 29 de setembro de 1908, falecera Joaquim Maria Machado de Assis. – Deus sabe o que faz...

Carlos Drummond de Andrade, no poema “Um chamado João”, escrito em 21 de novembro de 1967, deu-nos a dimensão de Rosa:

“João era fabulista?
Fabuloso?
Fábula?
Sertão místico
disparando no exílio da linguagem comum?
(...)
Ficamos sem saber o que era João
E se João existiu
De se pegar.”

Esse poema foi publicado no Jornal Correio da Manhã, três dias após a morte de Guimarães Rosa. E este faleceu três dias após a sua posse na Academia Brasileira de Letras, que foi marcada para o dia 16 de novembro de 1967, data do aniversário de nascimento de seu antecessor, João Neves da Fontoura, que faria 80 anos se estivesse vivo.



Guimarães Rosa foi indicado duas vezes para a Academia Brasileira de Letras. A primeira vez foi em 1958, para ocupar a cadeira 25, e assim suceder José Lins do Rego. Mas nessa candidatura, foi derrota, recebeu apenas 10 votos. Foi eleito outro mineiro Afonso Arinos de Melo Franco, com 27 votos. Mas quando se candidatou pela segunda vez em 1963, foi eleito por unanimidade.

Li muitas histórias de Rosa, e outras tantas histórias sobre ele, não para me entreter, mas para me inter-ter.

“Arte e vida são planos não superpostos mas interpenetrados, com o ar entranhado nas massas de água, indispensável ao peixe - neste caso ao homem, que vive a vida que respira a arte” – disse Guimarães Rosa, em discurso proferido na Academia Brasileira de Letras, em agradecimento ao prêmio que recebeu pela primeira colocação de “Magna” no concurso Literário de 1936. Guilherme de Almeida, na conclusão do parecer desse concurso, afirmou: “que seja o 1º prêmio do Concurso de Poesia de 1936 concedido ao livro “Magma”, de João Guimarães Rosa; e que não seja a ninguém, neste torneio, conferido o 2º prêmio, tão distanciados estão do primeiro premiado os demais concorrentes”. Esse livro só foi publicado, somente após o falecimento do autor. Mas já era oxigênio... “Magma” magma magna...

O prefácio de “Tutaméia”, o último livro publicado por Guimarães Rosa, revela:

“A história não quer ser história. A história, em rigor, deve ser contra a História. A história, às vezes quer-se um pouco parecida à anedota.

A anedota, pela etimologia e para a finalidade, requer fechado ineditismo...”

As histórias de Rosa já fazem parte da história da gente: “Grande Sertão: Veredas” juntou todos os meus sertões. Perdi as margens. Ficaram apenas o de dentro e o de fora. Já havia, em mim, olho d’água, açudes, cacimbas, córregos de buritizeiros, mas sem os conceitos dos gerais. As minhas veredas eram caminhos estreitos, trilhas, vielas... nada verde. - Fui menino de carregar bilha da rodilha...

Em carta a seu tradutor italiano, João Guimarães Rosa, ao detalhar o conceito de veredas nos gerais, escreveu:

“São vales de chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas, há sempre o buriti. De longe, a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água. A vereda é um oásis. Em relação às chapadas, elas são as veredas, de belo verde-claro, aprazível, macio. O capim é verdinho-claro, bom. As veredas são férteis. Cheias de animais, de pássaros.”

E nessa parte do enveredar pelo Grande Sertão, vou pelas beiradas, do que primeiro entendi: o sertão geográfico.

No mundo que se adentra pelo parto, não se escolhe o porto de chegada, portanto o primeiro sertão que se encontra é o chão em que se engatinha. Eu aprendi a ver o bonito que nos rodeia e o que Deus nos dá a cada instante: vire e veja...

Não consigo mais ver um manuelzinho-da-croa sem lembrar de Diadorim. Ficou assim na minha mente: a realidade sempre me remetendo para a ficção. E esta para aquela, com uma outra ótica:

“Eu olhava e me sossegava mais. O sol dava dentro do rio, as ilhas estando claras. – ‘É aquele lá: lindo!’ Era o manuelzinho-da-croa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa; eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea – às vezes davam beijos de biquinho – a galinholagem deles. – ‘É preciso olhar para esses com um todo carinho...”

Não há muito querer quando já se tem o bem-querer bem pertinho da gente, pois assim o catar as coisinhas para o de comer fica mais sossegado.

Não posso omitir, nem mentir, digo a você: o rio da minha vida é o Parnaíba, o Velho Monge. Do Poti, tenho mágoa, levou meu amigo Toinho. Aprendi a respeitar suas águas, o seu correr. Há muitas mortes em suas beiras, eu não me atrevo... aceito, obedeço. Fez-me entender que água não tem cabelo. Já tive medo do Cabeça-de-Cuia...

Em Teresina, eu tinha esses dois rios. Antes de ver o mar, vi o São Francisco assim de cima sem caminhar pelas suas margens. O velho Chico carregando os seus surubins...

“...O senhor nem tem calo em coração para poder me escutar. Consegui de muito homem e mulher chorar sangue, por este simples universo nosso aqui. Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal...”

O desafio não é só do contar o já vivido, é do ressentir com tantas lembranças a ponto de dar calo no coração. Mas mesmo assim sempre dói. Não se acostuma. Até burro sente, mesmo já esperando a lapada. Esporas no vazio é golpe baixo. É preciso ter regra até para bater em burro, senão ele empaca. Quando muito espancado, ele cisma e não anda. E quando o dono cansa de bater, quem ganha é a resistência. E não é a teimosia da mulher do piolho, é outra, a da natureza do bicho. E cada um tem a sua. Não tem quem faça ele desandar, é melhor apelar para o capim, dar água fresca, sombra e sossego.

Eu não estou dando volta não. Não sou um tergiversador. Posso até versar a dor, porque gosto de ver-sejar. Não desconservar. Quero con-versar. É preciso ir aos poucos. Assim de uma vez, de com força, machuca. Não se deve tirar a casca da ferida, a pele por baixo ainda está fina. Deixa que ela cai no tempo dela; a outra pele também ganha tempo para suportar o sol. Não é bom fazer ferida em cima do já ferido, sangra com mais facilidade...

“Às vezes, quase sempre, um livro é maior que a gente”. E assim é “Grande Sertão: Veredas”. Nele há muitos sertões, fiquei perdido, queria achar primeiro o que há do lado de dentro, acho que comecei pelo mais difícil, talvez tenha começado pela travessia do “Liso do Sussuarão”

“O sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga”, ou seja, está em toda parte, até dentro da gente. Quando percebi isso, tive medo: as minhas secas, as minhas veredas, os meus redemoinhos...

Para ver os sertões que há em nós, carece de coragem. Já tentei tocaíá-los pelos divãs, não deu muito certo, passei a mexer com o que estava quieto. O que eu quero mexendo em casa de marimbondo?...

Deixei o tempo trazer, e a vida desanuviar o meu olhar. Por isso leio, releio o Grande Sertão. A cada fio de cabelo branco que aparece aqui, acho que desembaca as minhas retinas. Ainda tenho muito que viver para aprender. “Qual é o caminho da gente? Nem para frente nem para trás: só para cima. Ou parar curto quieto. Feito os bichos fazem. Os bichos estão só é muito esperando? Mas, quem é que sabe como? Viver...O senhor já sabe: viver é etcétera...”

O sertão do mundo é o homem. O homem é que quer ser o certão embora sem saber fazer nada certinho. “E nisto, que conto ao senhor, se vê o sertão do mundo. Que Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe – mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus. Coisas imensas no mundo. O grande-sertão é a forte arma. Deus é um gatilho?”

Deus é que é o Grande Certão: onipotente, onipresente, onisciente. Está em toda parte, nos conhece por dentro e toda beleza produz. Deus opera sempre, sem fim, sem começo. Eu Lhe obedeco...

O redemoinho entre Deus e o diabo é dentro do homem. É por esse caminho que se penetra no sertão metafísico do “Grande Sertão: Veredas”

“Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco – é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido.”

Como ser cidadão com a alma vendida? Que direito terá ele em seguir o seu tino ou o seu des-tino? Por isso que acho que “O Grande Sertão: Veredas” é obra-prima do homem, pois a alma deste está refletida: o por dentro e o por fora. A percepção do real. Não é normal gostar de ver sangue pulando fora das veias. A paz é que sossega o juízo... “a gente tem que sair do sertão! Mas só sai do sertão é tomando conta dele a dentro...”

A briga na rua é a ganância de dentro. Quem abriga o demo é quem tem o mal em si para alimentá-lo. Este gosta de carregar a alma junta, até o animal ver. Pode crer, quando um cachorro começa a latir mais para um do que para os outros, algo tem de errado. A planta também sente quem está carregado, até criança de colo tem medo. Os inocentes são assim, os mais puros sentem mais a presença da impureza. Para mim, no metafísico há absoluto: - Deus.

Não fico em cima do muro. Sou do lado do Pai Nosso e da Ave Maria. Não brinco nesse serviço. Em tudo vejo a presença dEle.

Do mal que sofro, a culpa é minha. “O mundo quer ficar sem sertão”. Isso é muito difícil. Enquanto houver disputa por terra e a traição alimentando ódio – pode tirar o jumentinho da chuva - a guerra, seja ela de jagunço, ou de soldado, haverá. É um contra o outro, ou um bando contra um, ou um contra um bando. Covardia tem de todo tamanho, no atacado e no varejo, no grande e no pequeno. Enquanto não se obedecer ao amor, a morte virá pela mão do próprio homem. Deus que me proteja, me livre e me guarde. Eu não tenho vergonha de dizer, nem de pedir perdão...

Esse sertão místico não tem tempo nem lugar, ele se manifesta pela incerteza que há por detrás da morte. Eu ainda não quero saber do que há por lá. Esse meu desconhecimento me faz caminhar por essa Palavra do Verbo que se fez carne.

E digo para encerrar essa parte: não importa o ouro que você tem nos dentes, se o que passou pelo canino e saiu pelo reto feder; aguarde a sua hora. Faça o bem nesse ínterim, pois ninguém vai sair daqui inteirinhozinho...

“E o demo existe? Só se existe o estilo dele, solto, sem um ente próprio – feito remanchas n'água”.

É pelo jeito que se vive que se desenha o dito cujo. Quando se mostra o maniqueísmo entre bem e o mal, não se pode colocar num prato da balança Deus, e no outro o demo. Não há comparação. Não há igualdade de força, nem de poder. Deus é infinito em tudo, o Absoluto. Não limitado, um estado pleno. Quando a gente se distancia de Deus é que o demo chega:

“Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar – é todos contra os acasos. Tendo Deus, é certo. Mas se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor.”

Para mim, tudo é porque Deus quer, não é por gosto do cão. Vamos mudar o rumo dessa prosa. Não gosto de falar no nome do coisa ruim. Mas essa briga é dentro da gente. Rodando pelo bem ou pelo mal.

– Por que temos que ferir o outro se o bem é o que agrada a Deus? Quem tudo quer tudo já perdeu. Quem dorme na rua não carece de cerca, em seca está; mas Deus não o desampara. “O que é que uma pessoa é, assim por detrás dos buracos dos ouvidos e dos olhos?”

Por esses buracos não pode entrar a ganância nem a vaidade para não haver rebuliço e se perder o prumo da alma. Penetre no sertão e veja que o que se prega é o certo. O que se deseja é viver perto da água. Por isso ninguém pode comprar as águas de um rio só para si. Água de açude pula fora no tino do sol. Volta em chuva para ser de todos. Pelo gananciado é que se perde o rumo da vida. – “jagunço é o sertão”. E assim repito: o homem é o sertão do mundo, pois o que eu vejo é a luta para salvar o humano do homem. “Sertão: estes seus vazios” ... Até oco do santo de pau, foi usado para esconder ouro. O homem e suas astúcias...

Deixo aqui uma adivinhação retirada do livro “Tutaméia”, para resumir essa prosa sobre esse aspecto metafísico que se vê no Grande Sertão:

“ 'O que é o que é: que é melhor do que Deus, pior do que o diabo, que a gente morta come, e se a gente viva comer morre?' Resposta: - 'É nada' ”.

Quando se chega a ter a consciência do nada é que se tem a certeza do que o homem é: - pó.

Não quero ver o coisa ruim. Rezo não para atentá-lo. Meu pacto é com Deus. Rezo para que Ele me ouça assim de voz em ação, sem decoração, só de coração. A vida é saga, sagarana. Quem a consagra, sabe o quanto é duro o correr no certo, sem descambar. Por isso leio para desembestar.

Mas às vezes fico abestalhado, ouvindo o teórico sem prática: o sertão fora do sertão, sem o real. Os ditos alados sem pouso na terra, nem nos galhos das unhas de gato. Não me importo em desdizer a fantasia. Mas afirmo: areia sem barro não constrói casa de taipa. E se o talo de coco for do ruim dá cupim. Esse bicho sabe comer por dentro. O sertão de dentro é que põe medo. O calado quando puxa da peixeira não é para riscar no chão, mas para botar os fatos para fora.

Deixe-me puxar um outro fio desse novelo. Zelo pelo elo entre o novo e o velho: - o “amor? Pássaro que põe ovos de ferro”.

Catei o que vi. Mas aqui não posso dizer tudo. Muito ruminei, depois que vi a entrevista de ariano Suassuna em que ele falou da “Donzela que foi à Guerra”. E ao citar tal fato, relacionou ao enredo de “Grande Sertão: Veredas”. Eis um trecho da história que ele recitou:

“Já se apregoam as guerras
Entre a França e Aragão:
Ai de mim que já sou velho,
Não nas posso brigar, não !
De sete filhas que tenho
Sem nenhuma ser barão!...”
Responde a filha mais velha
Com toda a resolução:
– “Venham armas e cavalo
Que eu serei filho barão.”
(...)
“Monta, monta, cavaleiro!
Se me quer acompanhar.”
Chegavam a uns altos paços,
Foram-me logo apear.
– “Senhor pai, trago-lhe um genro,
Se o quiser aceitar;
Foi meu capitão na guerra,
De amores me quis contar...
Se ainda me quer agora,
Com meu pai há-de falar.”
Sete anos andei na guerra
E fiz de filho barão.
Ninguém me conheceu nunca
Senão o meu capitão;
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra coisa não.”

A palavra “olhos” nesse penúltimo verso foi a que despertou na minha cabeça o “mire e veja” tão repetido no “Grande Sertão: Veredas”. Tive, então, que refazer todo o caminho. Recaminhei. Por isso estou aqui.

Não é só com pé, pata e asas que se lo(u)co-move....

Geralmente se anda com passos mais largos dentro de si, quando se leva uma queda ou uma topada. Eu precisava conhecer um outro sertão diferente do amargo que provei, um sertão em veredas. Enveredei, mas sem saber o VEREDITO.

No conto o “Espelho” do livro “Primeiras Estórias” de Guimarães Rosa, encontrei uma definição de tempo e uma abordagem do olhar:

“Ah, o tempo é o mágico de todas as traições... E os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos com que cresceram e a que se afizeram mais e mais. Por começo, a criancinha vê os objetos invertidos, daí seu desajeitado tactear; só a pouco e pouco é que consegue retificar, sobre a postura dos volumes externos, uma precária visão. Subsistem, porém, outras pechas, e mais graves. Os olhos, por enquanto, são a porta do engano; duvide deles, dos seus, não de mim. Ah, meu amigo, a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente... então?”

O denunciado pelos olhos é clarividente. “Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor”. A menina dos olhos só fala a verdade, até quando finge, diz que é fingido.

A outra parte do olhar sobre Rosa encontrei no livro da filha dele, a escritora Vilma Guimarães Rosa, autora do livro “Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu Pai”.

O que vou citar, você pode achar que é um recorte do já recortado. Mas acho melhor ouvir o que a filha tem a dizer do pai:

“Como o canário do conto de Machado de Assis, Joãozinho mudava os seus conceitos, ao enxergar mais longe. O mundo crescera. E o milagre é renarrado pela forma que transcrevo:

‘– Por que você aperta os olhos assim? Você não é limpo de vista?

... ..

– Este nosso rapazinho tem a vista curta. Espera aí, Miguilim...

E o senhor tirava os óculos e punha-os em Miguilim, com todo o jeito.

– Olha, agora!

Miguilim olhou. E não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... O senhor tinha retirado dele os óculos, e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto. Mãe este assim assustada; mas o senhor dizia que aquilo era do modo mesmo, só que Miguilim também carecia de usar óculos, dali por diante...”.

E a escritora Vilma Guimarães Rosa afirma também que “Miguilim não é apenas o Joãozinho renomeado. É uma mistura de meninos do sertão, companheirinhos seus. De Joãozinho, muito existe em Miguilim...”.

E pelo que ouvi de Manuelzão, aqui me atrevo afirmar, com medo de errar, que João Guimarães Rosa aparece também no “Grande Sertão: Veredas” como personagem:

“Pois, mire e veja: isto mesmo narrei a um rapaz de cidade grande, muito inteligente, vindo com outros num caminhão, para pescarem no Rio. Sabe o que o moço me disse? Que era assunto de valor, para se compor uma estória em livro. Mas que precisava de um final sustante, caprichado.”

E assim vejo Rosa ouvindo “estórias” que não careciam ser “histórias” nem se preocupando em fazer parte da História. “A quanta coisa limpa verdadeira uma pessoa de alta instrução não concebe! Aí podem encher este mundo de outros movimentos, sem os erros e volteios da vida em sua lerteza de sarrafaçar. A vida disfarça?”

“Grande Sertão: Veredas” está no mundo. O mundo deste livro cresce, se desdobra, a gente puxa um fio e este não encurta, se vai... De tanto puxar a gente é que cansa, por tanto matutar, por isso fica dentro da gente inquieto. O tempo vence e a obra não acaba, fica no redondo do mundo: o começo é no meio, o meio é no começo e se perde o fim. O que fica é o redemoinho, o vento revirando terra... Cuidado com o cisco no olho...

“O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me enguliu, depois me cuspiu do quente da boca... O senhor crê minha narração?”

E por esse crer no narrado, é bom ler um outro trecho da entrevista que Rosa concedeu a Günter Lorenz, em 1965, em Gênova:

“Günter Lorenz: Atrevo-me a apostar que a maioria de seus leitores alemães, antes de ler seu livro, nem sequer sabia que o sertão existe. Provavelmente ainda o considera uma invenção sua. Guimarães Rosa – Também acho. Recentemente, durante minha viagem à Alemanha, convenci-me disso. Um crítico que me foi apresentado como homem famoso – prefiro não dizer seu nome – felicitou-me por eu haver “inventado uma nova paisagem literária”, tão “magnífica”, assim entre aspas. Coisas semelhantes me aconteceram na Itália, na França e até na Espanha. Mas é preciso aceitar essas coisas, não se pode evitá-las. Quando escrevo, não posso estar constantemente acrescentando notas de rodapé para assinalar que se trata de realidade.”

“Só que o sertão é grande ocultado demais.” O sertão está na alma. A gente adentra... Sem coragem é que não se vai a lugar nenhum. Pise firme, a terra de dentro tem outro chão. Conhecer a si mesmo é duro, o mole é falar do outro, principalmente quando só se vê a cara, não se conhece o interior.

O sertão não é o que aparenta, nem é o parente; é o próprio. Quem tem medo de si não entra no ser-tão. Eu desconfio de monólogo. Acho que tudo é diálogo, depende do lado em que você está da janela: quem está do lado de dentro fala com quem está do lado de fora. Quem está do lado de fora, fala com quem está do lado de dentro: - ô de casa!...

“Contar é muito, muito dificultoso.” Por isso a gente fala sozinho, só para a gente se ouvir... No sertão quem não conversa sozinho endoidece primeiro... Mas depois de doido, ninguém mais estranha. Toda prosa ganha sentido...

“Grande Sertão: Veredas” é narrado em primeira pessoa, ou seja, Riobaldo é denominado literariamente como um narrador-personagem-interlocutor. Este conta a sua história a seu compadre Quelemém, que não interfere na narrativa, é citado, mas não se pronuncia.

Transita em “Grande Sertão: Veredas” o lírico e o épico: as aventuras, as guerras dos jagunços, é bom que você veja com os seus próprios olhos para que sinta os avexados, os medos e as coragens. História recontada é café requentado. Bom mesmo é o café que se toma pelo cheiro, no primeiro quente.

Vou pegar o atalho do lírico, porque este mostra o sertão de um lado mais telúrico, mais verde como os olhos de Diadorim. “Amor vem de amor. Digo. Em Diadorim, penso também – mas Diadorim é a minha neblina”.

“Quem me ensinou a apreciar essas belezas sem dono foi Diadorim...”. Quando se ama, a retina encontra mais beleza no ver, o ódio cega. Aqui pulo um bocado de história, mas é para que você fique curioso em saber. No mistério de Diadorim, não mexo. Há quem ache que estou pulando a melhor parte. Mas aqui vai o respeito ao leitor. Não digo. Você que desconfie. Tenho vontade de contar, mas guardo o meu entendido, para lhe dar o direito de descobrir. Tenha-me como amigo, eu apenas digo que vale a pena ler, leia sem pena. “Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou – amigo – é que gente seja, mas sem precisar de saber o porquê é que é.”

Há um correr de água fresquinha, um verde de trazer esperança, um começo sem ter pressa de chegar ao fim, um quieto de paz. E assim se sossega e se questiona. O meu ouvido também empresto, feito criança que gosta de ouvir a mesma história contada tantas vezes antes de dormir.

Foi bom ter lido “Grande Sertão: Veredas” sem ter conhecido a história da “Donzela que foi à Guerra” e sem teorias literárias. Vi a obra pura só com os olhos de quem sabe o quanto o sol esquenta a moleira. Por isso eu deixo assim para você conhecer Diadorim pelo seu caminhar na obra, mas saiba que “os olhos, de ver e de mostrar, de querer bem, não consentiam de quadrar nenhum disfarce”.

Vou pelo lado mais estreito, o do amor. Por isso que digo mais uma vez que o olhar é quem mais fala, a linguagem do

carinho é entendida por todos os animais e plantas. Por amar e ser amado é que se envereda em busca da paz. “O amor só mente para dizer maior verdade”. Se amor é fogo todo mundo se queima. Uns mais, outros menos, dependendo do grau da queimadura, a dor se alastra quando deixar de arder. E a referência a esse amor é vista pelas reflexões de Riobaldo. É preciso que se diga que esse jagunço é letrado, narra a sua travessia, estabelecendo um questionamento existencial. Embora usando a primeira pessoa, remete para a natureza humana: “eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!”

E assim Riobaldo puxa a sua história: repensa com quem o ouve, a vida labutada, exposta às vicissitudes provocadas pelo destino. “O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma...Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio...”

Essa vertente épica e mística que o “Grande Sertão: Veredas” apresenta, está exposta no dizer de Riobaldo: “De sorte que carece de se escolher: ou a gente se tece de viver no safado comum, ou cuida só de religião só. Eu podia ser: padre sacerdote, se não chefe de jagunços; para outras coisas não fui parido”.

Como ele não foi padre, tornou-se chefe de jagunço e de boa pontaria “- 'senhor atira bem, porque atira com o espírito. Sempre o espírito é que acerta...’”. Muito nome teve por fama: professor, Tatarana, Urutu Branco...

Dê-me mais um pouco da sua paciência que lhe darei todo o meu silêncio. É que gostaria de falar dos amores dele. Eu não sei contar assim inteiriço feito cantiga de grilo. Se eu não pausar, o bico seca. Eu também tenho pressa em acabar. Mas preciso mastigar antes de engolir para não ruminar tanto. Há o problema do refluxo...

Riobaldo se vê nas três margens: na banda da esquerda está Nhorinhá, na banda da direita está Otacília, na terceira margem está a Neblina...

O amor é o sol, a gente é que gira: ora faz penumbra, ora se deslumbra, ora o calor bate a pino e pinica a carne por desejo. Em se tratando de amor: o agora é o que vigora....

“Diadorim e eu, nós dois, como já disse. Homem com homem, de mãos dadas, só se a valentia deles for enorme. Aparecia que nós dois já estávamos cavilhando lado a lado, par a par, a vai-a-vida inteira. Que: coragem – é o que o coração bate; se não bate falso. Travessia – do sertão a toda travessia”

Pelo que já atravessei na vida, sei que a dúvida maior não está nas encruzilhadas, mas nas bifurcações. Pode-se cair no errado por um viés. Não travo conflito nesse assunto porque cada um sabe onde o calo aperta.

“'Riobaldo... Reinaldo...' – de repente ele deixou isto em dizer: - '...dão par, os nomes de nós dois...'”

A narrativa se segura também pelo não revelado, até que a morte exponha o definitivo para quem parte e abre o indefinido para quem fica. O desconfiado não é certeza. Porém ninguém advinha sem ver um rastro. Mateiro é matreiro.

“Ah, naquela hora eu gostava dele na alma dos olhos, gostava – da banda de fora de mim.” Como já disse, não se guarda mistério no olhar, tudo se revela. Quem vê os olhos da raposa sabe que ela não fala a verdade, quando desdenha as uvas.

Eu não brinco com unhas de felino... É bobagem tentar esconder o amor. Este brota pelos poros, pelos pelos, pelos faros, pelos cheiros. E ninguém o domina por metade, só por inteiro.

Delícias são as Nhorinhás!... Com elas, homem não fica fora da bainha. “Graça a Deus toda a vida tive estima a toda meretriz, mulheres que são as mais nossas irmãs, a gente precisa melhor delas, dessas belas bondades.”

Sobre Nhorinhá, Riobaldo afirma: “namorã, que recebia todos, ficava lá, era bonita, era a que era clara, com os olhos tão dela mesma... E os homens, porfiados, gostavam de gozar com essa melhora de inocência. Então, se ela não tinha valia, como é que era de tantos homens?” ...

Veja quanto há do lírico: “Como que o amor geral conserva a mocidade, digo – de Nhorinhá, casada com muitos, e que sempre amanheceu flor”. Meu respeito aqui eu exponho, porque a carência de felicidade leva a pessoa por muitos caminhos. Mãe puxa até prego para si, é da sua natureza. “Nhorinhá puta e bela”. Isso não é antítese, muito menos um paradoxo.

Depois de muito voar é que a gente encontra fidelidade de passarinho. Quem é bicho de terreiro acaba um dia comendo na mão do dono, por ter pasto limitado. O que é vida de jagunço sem meretriz?

Catei no Livro Sagrado, mas não achei nada escrito que afirmasse Maria Madalena como prostituta. Não jogue pedra assim, você pode desmontar o seu castelo. Deus tem perdão infinito. O destino não manda na gente. É só não se deixar levar. Remem no amém, amem.

Mas é quando se acha a Otacília de sua vida que o infinito se limita a um único universo de pessoa. E tudo é junto. Da cabeça aos pés (,) juntos. “Otacília, era como se para mim ela tivesse no camarim do Santíssimo”. Esse amor é que nos aproxima do céu. Tange o pecado para longe. O que vem do coração não traz arrependimento. O amor vasa por palavras. A gente não dá conta de fazer o que o amor manda, porque o querer-mais tem desejo insaciado. Você já olhou dentro dos olhos de quem ama? O brilho. Amor é luz. “Revirei meu fraseado. Quis falar em coração fiel e sentidas coisas. Poetagem. Mas era o que eu sincero queria – como em fala de livros, o senhor sabe: de bel-ver, bel-fazer e bel-amar”.

A Otacília é que sabe con-ter a sede da espera, é quem conhece a fome de amor do guerreiro depois da guerra, é quem tece com o fio da esperança, é a guarda do guerreiro quando está sem armadura.

Da parte da Neblina, há uma dimensão imensurada. Quem retém o amor sentido fica possuído dele. Nessa outra parte do gostar de Riobaldo é que move mais mistério. Embora a linguagem do olhar desvele todo o desejo:

“De perto, senti a respiração dele, remissa e delicada. Eu aí gostava dele. Não fosse um, como eu, disse a Deus que esse ente eu abraçava e beijava. E com o vago, devo ter adormecido ...”

O bom e bonito do “Grande Sertão: Veredas” é isso, tem um jeito de puxar a outra metade. O corpo fica de boca aberta. A sede é de vida. O sertão ninguém domina, porque ninguém é inteiro. “O senhor ...Mire e veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.”

Cumpro o prometido, conto-lhe por metade para que você descubra a outra parte que completa ou completaria Riobaldo. Mas para mim, isso importa pouco. Bebi, me alimentei, mas continua a sede de leitura. Não há rio baldio. Todos têm em si muitas vidas e muitos amores, em qualquer margem.

“O menino estava molhando as mãos na água vermelha, esteve tempo pensando. Dando fim, sem me encarar, declarou assim:- 'sou diferente de todo o mundo. Meu pai disse que careço de ser diferente, muito diferente...' E eu não tinha medo mais. Eu? O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que estou dizendo; e escute desarmado. O sério é isto, da estória toda – por isto foi que a estória eu lhe contei –: eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome.”

Menino sempre arranja um jeito de brincar. A miséria não lhe rouba o lúdico. Toda criança sabe brincar do faz de conta e conta o que faz como gostaria que fosse: corta a realidade e insere uma verdade lúdica que passa a ser real só por alguns instante, enquanto está fixado na ficção. Realidade instantânea e/ou revivida, quando se reconta para dar alguma graça aos viventes, brota imaginação...

“ ‘ – Você era menino, eu era menino... Atravessamos o rio na canoa... Nos topamos naquele porto. Desde aquele dia é que somos amigos’ ”. A vida foi a travessia... “nonada”.

Nota:

Todas as citações que não têm uma determinação prévia, foram tiradas do livro “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa.



A POESIA DE RAUL DE LEONI

(30.11.1895 – 21.11.1926)

Palestra proferida em 10.09.09
pelo Acadêmico Fernando Costa

Descendente de família ilustre, filho do Dr. Carolino de Leoni Ramos, que foi juiz do Supremo Tribunal, Ministro dos mais dignos, e sua mãe Dna. Augusta Vilaboin Ramos, senhora de raras virtudes. Em 1912 ingressou na Faculdade de Direito e logo, no ano seguinte, visitou a Europa quase toda, sendo Florença a cidade que mais o fascinou.

Raul de Leoni é um caso singular em nossa Literatura, publicou em 1922 seu único livro – LUZ MEDITERRÂNEA, pois a Ode ao Poeta Morto, editado em 1919, era um poema dedicado à memória de Olavo Bilac. Foi dos mais assíduos colaboradores dos jornais e revistas da época; Careta (nesta, usando o pseudônimo de Carolino Ramos, nome de seu pai), Fon-Fon, Jornal do Brasil, dentre outros. Menos de cem páginas continha a primeira edição de Luz Mediterrânea.

Com esse livro, cujas edições, em número de onze, sucedem-se até hoje, fato raro neste País, no que se refere à poesia, Raul de Leoni conquistou um lugar de relevo entre os poetas brasileiros de todos os tempos.

Nasceu em Petrópolis em 1895 e morreu em 1926. Foi curta sua vida — 31 anos.

Aos 18 anos foi conhecer a Inglaterra, França, Espanha, Portugal, Itália, e entre outras cidades italianas, aquela que tanto iria amar e cantaria num poema famoso, Florença "a mais humana das cidades vivas, a mais divina das cidades mortas..."

Não chegou a assumir os cargos diplomáticos para os quais fora nomeado. Em 1918 foi convidado para assumir o cargo de 2º. Secretário da Embaixada Brasileira em Cuba, mesmo não sendo de seu agrado seguiu para lá, mas não se deu bem. Em seguida foi transferido para o Vaticano, poderia ficar mais perto de Florença, seu amor à primeira vista. Mas Raul de Leoni desistiu. Uma terceira tentativa foi feita pelo então Ministro Nilo Peçanha, nomeando-o para exercer funções diplomáticas em Montevideu. Permaneceu na Capital Uruguaia por 3 meses para, finalmente, chegar à fria conclusão de que seu ideal não era a diplomacia.

Raul de Leoni amava a Europa, mas em seu coração grande parte estava reservada ao Brasil, em especial à nossa Petrópolis. Eleito Deputado à Assembléia Flumi-

nense, cumpriu anonimamente o mandato, confessando-se um deputado de segundo time. Exerceu o cargo de Inspetor de uma Companhia de Seguros, até que em 1923 adoece do pulmão, recolhendo-se à Vila Serena, em Itaipava, onde morreu três anos depois ao lado de sua mulher Dona Ruth Soares de Gouveia, do filho pequenino, que não demoraria a acompanhá-lo rumo ao infinito. Nessa ocasião o movimento modernista, revolucionava as artes em geral.

Raul de Leoni não me revela ser um poeta sentimental, em sua obra aparecem poucos versos de amor, tão ao sabor da época como o fizeram Alberto de Oliveira, Raimundo Corrêa e Olavo Bilac.

Raul de Leoni se encantou e viveu as belezas brasileiras mas não em poesia a natureza do Brasil, como o fizeram Castro Alves, Fagundes Varela e Gonçalves Dias.

Não se deixou influenciar por nossa mistura de raças, pela terra e sentimentos. Buscou inspiração nas paisagens gregas e italianas.

Os escritores de sua época, contemporâneos ou não, sempre souberam render-lhe as homenagens e deram demonstrações do bom gosto e qualidade de suas produções literárias. Prova essa as produções poéticas de Raul de Leoni figurarem nas Antologias que Ribeiro Couto e Rodrigo Octávio Filho, organizaram.

Como poeta, foi um homem alheio ao seu tempo, nada transparecendo em suas poesias, dos grandes acontecimentos sociais e políticos de sua época. Entretanto, acontecia o oposto, como prosador.

Raul de Leoni foi um escritor atualizado e isso se pode ver num artigo sobre "Marinetti" e o "Homem do Século XX", em que revela conhecer, em profundidade, o movimento modernista. Ao contrário da poesia comum dos brasileiros, havia na poesia de Raul de Leoni, extremo pendor para a meditação, para as abstrações filosóficas.

Foi um poeta de idéias e sentimentos universais. Tinha o amor quase carnal pelas ideias; para ele, a emoção residia nas ideias em si mesmas. Elas eram uma inesgotável fonte de lirismo que soube transmitir em conceitos de singular limpidez e precisão.

No poema SINCERIDADE, diz numa de suas estrofes:

"Homem que pensas e dizes o que pensas!
Se queres que entre os homens e dentre as cousas
Tuas idéias vivam pelo mundo,
Crê bem nelas primeiro, sofre-as bem,
Faze com elas que elas vivam na tua alma,
Na mais sincera intimidade do teu ser!"

Nos tercetos do soneto MEFISMO, confessa:

"Bailarino de círculos viciosos
Faço jogos sutis de idéias no ar
Entre saltos brilhantes e mortais
Com a mesma petulância singular
Dos grandes acrobatas audaciosos
E dos grandes malabaristas de punhais..."

No PÓRTICO, apresenta-se:

"Tenho o prazer sutil do pensamento
E a serena elegância das idéias".

Somos tão infensos ao hábito de pensar, que quando surge alguém com disposição para desenvolver idéias, o fenômeno ressoa quase como uma excentricidade.

Na poesia de Raul de Leoni versos há que condensam uma teoria inteira como por exemplo.

"Alma – estado divino da matéria
que nos instiga a múltiplas investigações".

Numa literatura em que predominava a realidade concreta, "Luz Mediterrânea", livro que já nasceu clássico, introduziu o exercício da inteligência da indagação filosófica.

Foi entre nós "O único poeta de emoção puramente filosófica" como salientou Rodrigo Melo Franco de Andrade.

A que escola poética pertenceu Raul de Leoni? Foi parnasiano, simbolista, neo-parnasiano?

Marques Rebelo considerou-o o último dos parnasianos. Manuel Bandeira classificou-o neo-parnasiano. Andrade Murici incluiu-o no panorama do movimento simbolista brasileiro.

É claro que Raul de Leoni sofreu influência dos parnasianos, tanto assim que o seu primeiro poema publicado ODE AO POETA MORTO, dedicou-o à memória de Bilac. É um conto ao poeta in-abstrato, um mosaico do poeta de todos os tempos que perseguido através dos séculos, pelas Pátrias mais diversas nunca perdeu a frescura do semeador jovial, que anda a joeirar alegria e graça pelas veredas da vida.

O soneto LEGENDA DOS DIAS, tem características acentuadamente parnasianas:

"O homem desperta e sai cada alvorada
Para o acaso das cousas e, à saída,
Leva a uma crença cega, indefinida,
De achar o ideal nalguma encruzilhada..."

Mas nenhum parnasiano atingira a quase imponderabilidade de "HORA CINZENTA", em que o mínimo de concessões formais alcança o clima, o ambiente de langor e abandono, de fusão a que aspiram os simbolistas.

"Desce um longo poente de alegria
Sobre as mansas paisagens, resignadas;
Uma humaníssima melancolia
Embalsama as distâncias desoladas..."

Raul de Leoni não foi parnasiano nem simbolista, nem neo-parnasiano; não se filiou propriamente a nenhuma das correntes, ele que não frequentava rodas literárias. Manteve-se fiel à ordem, à simplicidade, ao classicismo, no que classicismo significa unidade, plenitude, quer nos sonetos de impecável correção formal de "Luz Mediterrânea", quer nos poemas em que a essência meditativa une-se a modernidade de ritmos, como por exemplo o poema "A alma das cousas somos Nós".

"Dentro do eterno giro universal
Das cousas, tudo vai e volta à alma da gente,
Mas, se nesse vaivém tudo parece igual
Nada mais, na verdade,
Nunca mais se repete exatamente..."

Seria Raul de Leoni um poeta pagão? Pode ter sido apenas no PÓRTICO de "Luz Mediterrânea" em que confessa:

"Alma de origem ática, pagã,
Nascida sob aquele firmamento
Que azulou as divinas epopéias,
Sou irmão de Epícuro e de Renan."

Raul de Leoni era um apaixonado da Hélade e das cidades da renascença italiana. Foi o único poeta brasileiro que se proclamou heleno, sem cair no ridículo.

Mas não foi um poeta anticristão, como prova o soneto CRISTIANISMO, que figura entre os poemas inacabados de "Luz Mediterrânea", em que sonha um cristianismo singular "cheio de amor divino e de prazer humano".

"Um cristianismo sem renúncia e sem martírios,
Sem a pureza melancólica dos lírios,
Temperado na graça natural...
Cristianismo de bom humor, que não existe,
onde a tristeza fosse um pecado venial,
onde a virtude não precisasse ser triste..."

Parece que Raul de Leoni estava antevendo o cristianismo de João Paulo I, o Papa que em 33 dias de pontificado, legou um constante sorriso de ternura e amor à humanidade, e o carisma do Sumo Pontífice João Paulo II, mensageiro de Deus, que veio até nós em 1980, trazer um pouco de alegria ao povo brasileiro.

No poema ÁRVORE DE NATAL, há muita seiva de ternura. Não poderá ser anticristão o poeta que, nada tendo para dar às crianças, tristemente lhes canta cousas alegres e fala:

"Eu tenho tanta pena das crianças!
Elas são todo o mundo a começar de novo
Para as mesmas incertas caminhadas,
Para o mistério das encruzilhadas;
São toda a humanidade que renasce,
Ingênua, simples e maravilhosa,
Como a primeira vez que apareceu."
"E à tarde que se vai lentamente apagando
Na aquarela chinesa do jardim,
semeando alegrias e esperanças,
Minha tristeza é assim uma piedosa e linda
Árvore de Natal entre as crianças..."

Perpassa pela poesia de Raul de Leoni uma onda de pessimismo diante da vida. No seu EVANGELHO SEM BEM AVENTURANÇAS ele diz:

"Escuta: pelo bem que tu fizeres,
Espera todo o mal que não farias!
Essa é a mais triste das filosofias
Que aprendi entre os homens e as mulheres".

No soneto AOS QUE SONHAM:

"Não se pode sonhar impunemente
Um grande sonho pelo mundo afora,
Porque o veneno humano não demora
em corrompê-lo na íntima semente..."

No soneto ET OMNIA VANITAS aconselha:

"Ama as cousas inúteis! Sonha! A vida...
Viste que a vida é uma aparência vaga
E todo o imenso sonho que semeias,
Uma legenda de outro, distraída,
Que a ironia das águas lê e apaga,
Na memória volúvel das areias!..."

E no soneto PRUDÊNCIA:

"Não aprofundes nunca nem pesquises
o segredo das almas que procuras:
Elas guardam surpresas infelizes
A quem lhes desce às convulsões obscuras.
Contenta-te com amá-las,
Se as bendizes se te parecem límpidas e puras,
Pois se, às vezes, nos frutos há doçuras.
Há sempre um gosto amargo nas raízes..."

Em A ÚLTIMA CANÇÃO DO HOMEM sente-se derrotado e pergunta:

"Que mais resta da fúria malograda?
Um bailado de frases a cantar. . .
A vaidade das formas... e mais nada..."

No soneto DECADÊNCIA assim exprime:

"Afinal é o costume de viver
Que nos faz ir vivendo para a frente
Nenhuma outra intenção mas simplesmente,
O hábito melancólico de ser..."

No poema AO MENOS UMA VEZ EM TODA A VIDA, conta que

"ao menos uma vez em toda a vida
a verdade passou para alma de cada homem".
"foi a sombra de um voo refletida
No espelho da água trêmula de um rio..."

E conclui melancolicamente:

"Dela nada ficou no olhar triste dos homens
Nem a lembrança de seu vulto incerto...
Passou uma só vez em toda a vida!
Sombra de um voo na água tremula: Verdade!
E esse voo,
Que nunca mais voltou no mesmo céu deserto,
Nem ao menos deixou a sombra dentro d'água..."

A profundidade do seu pensamento sobressai nos quartetos do soneto em que aborda o tema de maneira diferente dos outros poetas.

"Basta saberes que és feliz e então
Já o serás na verdade muito menos:
Na árvore amarga da meditação
A sombra é triste e os frutos têm venenos."

Não é só de pessimismo que se reveste a poesia de Raul de Leoni. O soneto até Raul de Leoni, ou melhor, até a Semana de Arte Moderna, teve um prestígio imenso no Brasil. Soneto era sinônimo de poesia. Até Coelho Neto, o grande escritor, escreveu o soneto "Mãe", que está em todas as antologias.

Quem nunca ouviu estes sonetos? "Ouvir estrelas", de Bilac: — Ora direis, ouvir estrelas, certo perdeste o senso e eu vos direi, no entanto (...); "Os cisnes" de Júlio Salusse: — A vida manso lago azul, algumas vezes, algumas vezes mar fremente tem sido para nós constantemente, um mar sem ondas e sem espumas (...), e muitas outras.

Um dos mais famosos sonetos de Raul de Leoni não está incluído em nenhuma das edições de "Luz Mediterrânea". Muito embora em algumas publicações tenha saído com os títulos: "Eugenia", "Perfeição" e "Soneto Pagão", o verdadeiro título escolhido pelo autor foi "Argila."

De extraordinária beleza foi inspirado por uma paixão que teve na juventude. Não consta da sua obra, para não melindrar os escrúpulos de seus pais e sua mulher.

Agripino Grieco escreveu que todo brasileiro deveria saber de cor esse soneto tão sublime em sua forma poética e em que o próprio amor erótico sai transfigurado, o qual lhes apresentarei uma parte:

"Nascemos um para o outro dessa argila
De que são feitas as criaturas raras;
Tens lendas pagãs nas carnes claras
E eu tenho a alma dos faunos na pupila..."

Como todo artista, Raul de Leoni era narcisista. Que orgia narcísica neste soneto em que os amantes são da "argila das criaturas raras"; ele, em que "a luz olímpica cintila", com a alma dos faunos na pupila"; ela, de cujo ventre "nasceriam deuses" com lendas pagãs nas carnes claras", tão diferente das carnes das negras de Jorge de Lima e Mário de Andrade e das mulatas de Jorge Amado, Di Cavalcanti e Dorival Caymmi.

Tuberculoso, Raul de Leoni viveu 4 anos em Itaipava, plantando rosas, em contato com a natureza e os bichos que tanto amava.

Entretanto, na sua poesia nenhuma referência às paisagens, aos animais, seus amigos, principalmente à doença que iria levá-lo ao túmulo, a ele que tanto praticava a cultura física e se considerava "destro ginasta diletante".

Não disse, qual Manoel Bandeira:

"Eu faço versos como quem morre"
"Vem, morte doce"
"Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres".

Não falou na sua humanidade de tísico, como o fez o poeta de "Estrela! vida inteira":

"Febre hemoptise, dispnéia e suores noturnos,
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse."

Não escreveu versos, como Augusto Frederico Schmidt, hoje injustamente esquecido ansiando pela paz e solidão. Parece que tinha constrangimento de referir-se ao mal que o vitimou, de mostrar o seu declínio físico, tal como aconselhava no soneto PUDOR um dos mais belos de "Luz Mediterrânea", que assim começa:

"Quando fores sentindo que o fulgor
do teu ser se corrompe e a adolescência
Do teu gênio desmaia e perde a cor,
Entre penumbras em deliquescência.
Faze a tua sagrada penitência,
Fecha-te num silêncio superior,
Mas não mostres a tua decadência
Ao mundo que assistiu teu esplendor!..."

As características da poesia de Raul de Leoni são: nitidez de expressão, geometria das imagens, clareza dos símbolos, domínio da forma, elegância das idéias, pureza do ritmo. Poeta metafísico – considerou-o Ronald de Carvalho.

Prefiro chamá-lo apenas poeta – simples como a água lírica das fontes, como o espírito das rosas, poeta Raul de Leoni, amante da sabedoria e deslumbrado pela beleza, que ele julgava "a mais generosa das verdades".

Petrópolis se orgulha de seu filho ilustre, uma vida curta logicamente, mas vasta na mensagem que deixou. E várias têm sido as homenagens em honra à memória de Raul de Leoni – a primeira foi erigir um túmulo por ocasião de seu desenlace, a Prefeitura Municipal fê-lo nome de rua, numa das principais artérias de nossa cidade; em diversas ocasiões o Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Petrópolis tem prestado homenagem a este petropolitano ilustre destacando-se o gesto do Sr. Carlos Ribeiro, – a doação foi dele – livreiro, numa iniciativa da Academia Petropolitana de Letras, que ao lado de amigos e cor-religionários do poeta e da Prefeitura, tendo na direção do Departamento de Cultura, o médico, poeta e Acadêmico Mário Fonseca, fizeram erigir na Praça dos Expedicionários, ao lado da hoje demolida Secretaria de Turismo e próximo ao Museu Imperial, uma herma com o busto em bronze de Raul de Leoni, posteriormente trazido para a parte externa do Centro de Cultura que foi construído em sua homenagem. Uma das últimas e mais significativas honrarias prestadas a Raul de Leoni foi a fundação da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni, em 15 de agosto de 1983, por iniciativa do escritor e Acadêmico Prof. Paulo César dos Santos, do Acadêmico Dr. Joaquim Eloy Duarte dos Santos, do Acadêmico Prof. André Heidmann e do autor do presente trabalho. Foi a primeira academia de poesia do Brasil, e hoje intitula-se "Academia Brasileira de Poesia – Casa de Raul de Leoni".

Este Egrégio Sodalício tem em sua Presidência o Poeta e Escritor Sylvio Adalberto do Nascimento, que junto à prestigiosa Diretoria e Quadro Acadêmico, imbuídos do espírito empreendedor e brilhante trabalho frente a seus destinos, fazem-na orgulhosa e permanentemente no pódio da cultura. Tudo isto em honra ao espírito renovador do ilustre poeta Raul de Leoni, porque agradava aos primeiros pela independência de sua obra, aos segundos pela formação clássica de sua cultura.

Este é Raul de Leoni, eterna presença em nossos corações e benquerença dos poetas brasileiros.





Hino da Academia Brasileira de Poesia “casa de Raul de Leoni”

Letra e música de autoria do Acadêmico Roger Feraudy (1923/2006)

Academia Raul de Leoni,
cultuamos com amor e alegria,
para sempre teu vulto lembrado,
será por todos exaltado!
Academia Raul de Leoni,
que nós celebramos com poesia,
teu nome, glória da literatura,
expoente do saber e da cultura!

A Luz Mediterrânea
ilumina o nosso ideal,
brilhando tão espontânea
no teu verso original!

O teu nome pertence à história,
mas no Silogeu estás presente,
viverás eternamente
como exemplo na memória,
inspirando nossa gente!

*Executado oficialmente no dia 14 de agosto de 1999, na
solenidade do 16º aniversário de fundação da Academia*

